Animatógrafo

DIRECTOR: ANTÓNIO LOPES RIBEIRO



MARIA DA GRAÇA
nova esperança do Cinema Português, vai ser revelada em «Pôrto de Abrigo», da Lisboa-Filme

2.ª SÉRIE — N.º 7 — NATAL DE 1940 — PREÇO ESPECIAL: 2$50


SONORO FILME apresenta A MAIOR ATRACÇÃO UNIVERSAL DOS ÚLTIMOS TEMPOS
MARAVILHA COLORIDA DE
ALEXANDER KORDA
com
SABU
CONRADT VEIDT
e
JUNE DUPREZ
O LADRÃO DE BAGDAD
(THE THIEF OF BAGDAD)
UNITED ARTISTS
UM SONHO DAS MIL E UMA NOITES
SONORO FILME
DS



UM CONJUNTO

que só o Cinema tornou possível

Escolhemos esta fotografia para o frontespício do nosso Número de Natal, porque reúne todos os requisitos de beleza, de gôsto, de equilíbrio, de elegância e de graça que o Cinema difunde a jorros pelo mundo. O modêlo é Norma Shearer.

"A POMPADOUR"

TEM UMA CINTA PARA CADA "ESTRÊLA"



PAULETTE GODDARD

O Cinema dá muitas lições, sob muitos aspectos. Nisto, por exemplo: em provar que há um lugar próprio para cada coisa e que cada coisa tem o seu lugar próprio. Porque se diz isto? Porque os produtores do Cinema provam que sabem escolher tudo da maneira mais adequada e não dão, por exemplo, um papel de ingénua a Marlene, nem encarregam a Deanna Durbin de interpretar uma aventureira.

Ora, tal como no Cinema, os técnicos da «Pompadour» entenderam, desde longa data, que cada caso tem a sua solução adequada e que, portanto, deviam estudar uma cinta especial para cada tipo de mulher. E mais ainda — que uma cinta, obra delicada, que consegue harmonia, elemento indispensável à beleza do corpo feminino, não se poderia fabricar em série.

A perfeição a que os técnicos da organização «Pompadour» chegaram neste capítulo é tal que, sendo hoje Hollywood centro de todas as modas, capital da beleza do mundo, onde se cruzam todos os tipos de mulher, era possível fornecer, para cada vedeta, a creação própria, a cinta conveniente às linhas de cada uma. E isto é possível e todas as encomendas podiam ser imediatamente satisfeitas porque a «Pompadour» estuda uma cinta para cada cliente e, assim, na sua longa experiência, teve oportunidade de crear cintas para todos os tipos de mulher.

Dêste modo, desde a cinta inteira com «soutiens-gorge» pegado, completa ou parcialmente fechada; da cinta forte em malha «Lastex», sem costura, ou em renda; da cinta ligeira, que foi trabalhada no mais ligeiro tule, à cinta reforçada, — as Marlenes, as Garbos, as Gingers, as Rosalind Russells, tinham tudo por onde escolher, para que as suas «toilletes» pudessem brilhar, e apresentar todo o valor da sua beleza.

Isto demonstra que esta organização portuguesa está absolutamente a par de tudo que se passa em matéria de elegância, razão porque pode satisfazer e solucionar todos os casos — como, aliás, prova o testemunho das numerosas senhoras da sua clientela.

MIRNA LOY



2.ª série — N.º 7 — Preço 2$50

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO na sede provisória: R. do Alecrim, 65, Tel. 2 9856. Composto e impresso nas Oficinas de O JORNAL DO COMERCIO E DAS COLONIAS. R. Dr. Luiz de Almeida e Albuquerque, 5. NEOGRAVURA, LIMITADA. T. da Oliveira, á Estrêla, 4-6.

Animatógrafo

Director, editor e proprietário: ANTONIO LOPES RIBEIRO

23 de Dezembro de 1940

PREÇOS DA ASSINATURA
Ano .... 78$00
Semestre .... 39$00
Trimestre .... 19$50

Distribuidores exclusivos:
EDITORIAL ORGANIZAÇÕES, LIMITADA — Largo Trindade Coelho, 9-2.º (Tel. P. A. B. X. 2 7507) — Lisboa

NÚMERO ESPECIAL — NATAL DE 1940

Os primeiros 100 NOMES do «CLUBE DO ANIMATÓGRAFO»

E' com orgulho e desvanecimento que tornamos pública a lista dos cem primeiros inscritos no «CLUBE DO ANIMATÓGRAFO», onde pretendemos reünir todos os cinéfilos da «Velha Guarda» que não têm mêdo de «dar a cara» para defender a arte dos seus amores. Como anunciámos, é, quanto a nós, emocionante a diversidade de profissões que se interessam pelo Cinema, e que o «Clube» reúne na mesma aspiração: vêr colocado no seu devido lugar o Espectáculo Cinematográfico. Pedimos aos que não nos indicaram a profissão o obséquio de o fazerem prontamente. Não podemos aceitar a inscrição de profissionais de cinema. Brevemente publicaremos nova lista, de 101 a 200, pois a inscrição já excede largamente êsse número.

E verão que o «CLUBE DO ANIMATÓGRAFO» vai dar que falar.

1 — Alberto Leite — *Comerciante* .... Lisboa
2 — Tito Livio — *Cantor* .... »
3 — Dr. João Boto de Carvalho — *Advogado* »
4 — Dr. Fernando de Barros — *Advogado* »
5 — Armando da Silva Brandão — *F. público* »
6 — Evandro Barros da Lúz — *Emp. escrit.* »
7 — Manuela Noronha — *Estudante univ.* »
8 — António Lopes Fernandes — *Estudante* Gaia
9 — José da Silva Pais — *Comerciante* ...... Lisboa
10 — José A. S. Campos — *Estudante* .... »
11 — Araújo Pereira — *Barman* .... Estoril
12 — Júlio Farinha Maurício — *Barman* ...... »
13 — Jorge Travassos — *Fiscal de casino* »
14 — Renato Covas — *Emp. escritório* ...... Barreiro
15 — Augusto Romariz — *Estudante* .... Pôrto
16 — Mário Pedro Lopes — *Emp. forense* ... Lisboa
17 — Eugénio Duarte Viana — *Estudante* ... Coimbra
18 — Azinhal Abelho — *Escritor* .... Lisboa
19 — Júlio Goes — *Industrial* .... Vila Franca
20 — Garibaldi de Sousa Santos — *Enferm.* Lisboa
21 — J. Santos Stockler — *Jornalista* .... Faro
22 — Eduardo Soares — *Jornalista desportivo* Pôrto
23 — Francisco Ventura — *Estudante* ...... Odivelas
24 — Artur Virtuoso — *Operador dos C. T.* Lisboa
25 — Maria Isabel Cardoso — *Doméstica* ... Cascais
26 — Hermínio A. Manecas — *Emp. escritório* Évora
27 — Manuel Monteiro Salsinha .... »
28 — Carlos Dubini — *Empres. de variedades* Lisboa
29 — Pedro Ramalho Molefas — *F. público* Redondo
30 — Cassiano Rodrigues Freitas — *E. mesa* Estoril
31 — Renato Travassos — *Emp. mesa* .... »
32 — Luiz Valdivia — *Empregado mesa* ...... »
33 — Maria Gil .... »
34 — Laurentino dos Santos .... Cascais
35 — Dr. H. Lopes Madureira — *Advogado* ... Lisboa
36 — Dr.ª Alice de Magalhãis — *Prof. de liceu* Parede
37 — Mário Augusto Rocha — *Estudante* ... Lisboa
38 — Dr. Angelo Maia Mendes — *Médico* ... Ermezinde
39 — José Magalhãis Castela — *Emp. com.* Lisboa
40 — Maria dos Milagres — *Desenhadora* ... »
41 — Manuel de Sousa Ribeiro .... »
42 — Carlos Alvaro de Sousa .... »
43 — Mário Américo da Silva — *Serralheiro* »
44 — Artur Correia da Silva .... »
45 — Delfim Martins — *Emp. comércio* ...... »
46 — Alzer Barreto .... »
47 — Mário Duarte Silva — *Estudante* ...... »
48 — Luciano Quinta Fernandes — *Estud.* »
49 — António Ruivo Mousinho — *Estudante* »
50 — Luiz Gomes Soares — *Telefonista* ...... »
51 — Alice Boavida — *Locutora* .... Lisboa
52 — Ilda Camêlo .... »
53 — Maria Amélia Patricio — *Costureira*... Amadora
54 — Alberto José Granja — *Alfaiate* ...... Lisboa
55 — Deodato de Brito Camacho — *E. com.* »
56 — Marcos Santos Sérgio — *Barbeiro* ...... S. João Estoril
57 — Edia Sarracayo .... Lisboa
58 — Dr. J. da Silva Júnior — *Lic. C. Ec. Fin.* »
59 — António da Costa Franco .... »
60 — Carlos Santos Ribeiro — *Estudante* ... »
61 — Mário da Silva Correia — *Emp. escrit.* »
62 — Eduardo Leiria Dias — *Func. público* »
63 — Carlos Fonseca Praça .... Pôrto
64 — Dr. Marinho da Silva — *Jornalista* ... Lisboa
65 — Maria Angélica Holbeche — *Doméstica* »
66 — Maria da Conceição Virtuoso — *Dom.* »
67 — José Maria Seguro — *Estudante* ...... »
68 — Fernando Rebêlo — *Est. direito* ...... »
69 — João Martins Araujo — *Proprietário* ... V. do Castelo
70 — António M. Guimarães .... Alhandra
71 — Eutrópio da Prata Silveira — *Estudante* Lisboa
72 — Armando Lopes Abreu — *Estudante*... »
73 — Mário Menezes Santos — *Estudante*... »
74 — Laureano Prieto Rodrigues — *E. com.* »
75 — António Martins — *Emp. escritório* ... »
76 — M. Pombal da Silva — *E. de industria* »
77 — José Dias das Neves — *Emp. escritório* »
78 — Maria do Carmo Miranda — *Estudante* »
78 — Dr. António Menezes — *Médico* .... »
80 — N. F. Melchiades — *Emp. comércio* ... »
81 — Helder Vasconcelos — *Estudante* ...... »
82 — Anibal Anjos — *Emp. escritório* .... »
83 — Arménio Duarte Silva — *Estudante* ... »
84 — Helena de Almeida .... »
85 — Tomás Mistral Silva .... Elvas
86 — José Silva Feigé .... Lisboa
87 — Valentino Campos .... Pôrto
88 — Dr. Guy de Pina — *Médico* .... »
89 — Armando José da Silva .... Lisboa
90 — José Fernandes Alves — *Emp. Seguros* Lisboa
91 — Francisco A. T. L. Silveira — *Asp. oficial* Lisboa
92 — Joaquim Bento de Almeida — *Estud.* »
93 — Agostinho de Castro — *Aj. guarda livros* »
94 — José Leal Martinho .... Coimbra
95 — António Marinho — *Emp. comércio* ... Fafe
96 — Dr. Paulo P. de Carvalho — *Eng. geóg.* Pôrto
97 — Mário Delgado — *Estudante* .... Coimbra
98 — António dos Santos Nunes — *Emp. com.* Lisboa
99 — Luiz Leonardo dos Santos — *E. escrit.* Peniche
100 — Belkisse Ponsão Lopes — *Doméstica* Olhão

MANIFESTO
à cinematografia espanhola

(Continuação do número anterior)

Todas as outras artes podem permitir-se, nas suas tôrres isoladas, criar a recriar a sua obra, ali onde não chegam as vozes da rua; mas o Cinema é um constante convite à vida que reclama em cada um dos seus gestos, e era injusto pedir-lhe que nos representasse um mundo diferente do que via à sua volta. Os vícios e as virtudes que encontramos no cinema americano são vícios e virtudes da América; o encanto e o perigo que nos trouxe o cinema francês era o encanto e o perigo de toda a vida de França. Nenhuma Cinematografia com carácter nacional é alheia à vida da sua nação, se é que não é a sua imagem, inclusivamente quando trata temas universais ou estrangeiros. E não é por um atalho de impura economia que o nosso Cinema foi parar a tipismo andaluz ou intentou refugiar-se à sombra de dramas rurais, mas sim pela razão suprema de que toda a vida espanhola era comédia andaluza, quando não era sombrio drama rural.

Bem sei que há, entre tantas coisas a melhorar no nosso cinema, aspectos que, na aparência, podem ser superadas sem outro requisito que a simples vontade de superá-los; mas veremos adiante que estas perfeições, para serem eficazes, não podem ser isoladas, mas sim conseqüência da ordem total, seu efeito, e não sua causa. Não trato de desculpar a obra mal feita, nem me situo dentro do conformismo, posição que sempre considerei de pouca galhardia; mas é legítimo dar a cada coisa, e também à diátribe, a sua justa proporção.

Hoje, acossados pela pressa que em cada tarde nos impõe a concorrência estrangeira, alguns homens fustigam com a sua crítica o nosso Cinema pedindo-lhe que traga larguezas de tom universal. Esquecem-se de que não pode improvisar-se uma cultura cinematográfica colectiva. E seria tão torpe não iniciar no Cinema a renovação que toda a vida espanhola vai iniciando, como pensar que já é tempo de ver concluída uma obra que se intenta, precisamente agora, estabelecer. Não me conformo com o aspecto que tem o nosso Cinema, mas tam pouco posso aceitar a crítica sistemática que foi sempre ofício das naturezas azedas. Pedimos à Cinematografia, como a toda a obra nacional, um tom que nos garantisse a digna presença nesse mundo que só històricamente ganhámos; mas tal exigência não fazer-se ao Cinema com maior intimação que a qualquer oura das manifestações nacionais, pôsto que o Cinema precisa de recorrer a elas. A Cinematografia não recusa o seu lugar na primeira linha de tal innovação, mas todo o esfôrço seria vão se o Cinema não se visse acompanhado pela totalidade de uma nova ordem de coisas. Já que tal ordem se inicia e a humanidade espanhola, a que o Cinema requere para poder viver em cada imagem, se põe de bem com Deus, é chegado o momento de ter fé em que a Cinematografia espanhola vai superar-se. Só assim. Pois que o Cinema que deve flutuar sôbre a vida do seu povo, como sintoma e nível da sua natureza, não pode nunca sustentar-se no ar sem tocar nessa vida humana de que se nutre.

Vamos conseguir a nossa consciência cinematográfica; vamos pôr-nos em ordem e ocupar finalmente o nosso lugar, vago desde há tantos anos.

¿ Porque não o ocupamos ainda? Intentemos fazer uma análise das causas, não para nos confrazermos com as culpas alheias, mas sim para encontrarmos o nosso caminho. Em três culpas fundamentais agrupo o nosso exame de consciência: Culpabilidade da emprêsa privada, culpabilidade oficial e um terceiro grupo de culpas naturais correspondente ao próprio temperamento espanhol em relação com a índole do Cinema. Vejamos até onde nos conduz a análise de cada uma delas.

III

A CULPA PRIVADA — Durante muitos anos, a Cinematografia espanhola esteve dependente da colheita da laranja. Um bom ano de laranja ou de azeitona, era, em geral, um bom ano de cinema. E isto prolongou-se durante tempo demais.

Amparadas por uma tertúlia de café, em cada temporada se formavam emprezas produtoras duma determinada película que o próprio realizador se apressava em oferecer como um negócio rápido.

Pensar que a Cinematografia seja um negócio, parece-nos absolutamente legítimo; pretender que seja um negócio rápido, parece-nos absolutamente pernicioso. Daqui resultam, provàvelmente, todos os nossos males. Reünia-se à pressa o dinheiro à justa; à pressa se contratavam os actores e à pressa se começava a filmar. Urgia dar ao público, interessado nêste amanhecer do prodígio, uns rolos de película que êle digeria invariàvelmente. Mas, depois de cada um dêsses intentos, não existia nunca continuïdade; ao esfôrço faltava o sistema; um filme era um alarde isolado, uma aventura esporádica, um rasgo pessoal que não aproveitava nunca as experiências anteriores nem fundamentava no tempo as suas esperanças de superação. Essa paisagem pitoresca da Cinematografia espanhola podia ter, então, o encanto do improviso, que sempre tanto nos agradou. Mas por êsse mundo além aconteciam outras coisas. Emquanto num café da «Calle de Sevilla» o grupo de «colonizadores» cinematográficos rodeava cerimoniosamente o capital, tratando de obter, na euforia do charuto e do copinho de aniz, as 50.000 pesetas necessárias para se começar a filmar um argumento de zarzuela, todas as organizações bancárias do mundo estudavam em seus escritórios confortáveis os fundamentos dum sistema económico que lhes permitisse acometer com solidez a nova indústria cinematográfica. E' essa a chave fundamental do nosso atrazo: a incompreensão do capital por êste jôgo fabuloso, a falta de visão do seu alcance económico, que nos fez andar durante vinte anos pelos cafés, ao sabor das chuvas, em busca do momento de euforia que nos permitisse vender o porco e o chouriço...

Até que veio o ano de 1930, em que alguns capitais — inteligentes, embora não fôssem proféticos — se constituem como emprezas sólidas, com perspectiva de anos e programas de produção e sistemas e contratos e equipas. Só então se forma a consciência cinematográfica espanhola, um primeiro sentido da responsabilidade. Pela primeira vez a produção sente a responsabilidade, o encargo de consciência que os nomes acarretam. E êste passo no sentido da ordem já nos indica o caminho a seguir, até chegar às únicas venturas verdadeiras e aos únicos perigos fundamentais.

E' hoje costume assacar demasiadas culpas à empreza produtora. Nós só lhe imputamos uma, que talvez seja a comporta principal do nosso estancamento. A culpa, quanto a nós, reside na falta dum sistema, em não enfrentar valentemente a sua missão, como Deus manda. Cada filme espanhol é ainda campo aberto ao improviso. E de nada valem os triunfos nem nada significam os fracassos se não puderem pôr em movimento um sistema, pela razão de que tal sistema não existe. Quando se dêem a conhecer ao mundo os pormenores da filmagem dum filme em Espanha, todos ficarão assombrados ao vêr quantas angústias e canseiras, que imprevistos, que precipitações tem de arrostar ainda a nossa produção até chegar à tela; que mundo desarticulado de coisas há por detrás dêsses rostos que intentam, inùtilmente, sorrir.

Bem sei que a nossa natureza é desmedida e que, por estas terras, tudo é propício à dispersão. Mas, sob êsse signo, nunca mais teremos cinematografia. Ela contém uma porção de arte a que os espanhois poderão dar muita glória; mas esquecemo-nos da sua porção de ofício, o mais rigoroso dos ofícios, por onde inferem logo as artes que lhe dão substância. E é aqui, precisamente, onde notamos o nosso atrazo. Porque «A Divina Comédia», nem «D. Quixote», não têm idade: mas, em compensação, tem-na os sistemas, essa vida inexorável a que se chamou corpo administrativo e que ascende por quinquénios. Hoje, sabemos que não é possível improvisar uma indústria. Por desconhecer esta verdade, o nosso cinema não é ainda um facto consumado, ao cabo de quarenta e cinco anos de cinema: por ainda não ter montados os seus sistemas, que não podem ludibriar-se com a pancadinha carinhosa que nos dá nas costas a simpatia espanhola.

Vamos a estabelecer a produção com atitudes permanentes. Não passemos a vida a lutar para viver, sem margem para criar nem recrear alguma coisa. Todos os outros vícios que podem imputar-se à nossa indústria privada, têm nisso a sua origem. Porque êsses críticos que se comprazem em registar cada fracasso, não reparam que o fracasso é efeito duma causa mais funda, que urge remediar: a falta de sistema, que ainda entorpece a produção e faz com que a camara tropece nos «travellings» e faz recorrer ao tópico do «pelo seguro» e assomar o suor à testa dos nossos realizadores e voltarem-se para o teatro para que nos convertamos, um dia, em estátuas de sal.

(Continua)

M. A. GARCIA VIÑOLAS
Chefe do Departamento Nacional de Cinematografia

As broas do «Animatógrafo»

Embora sempre nos dissessem que elogio em bôca própria é vitupério (os portugueses são o povo mais «proverbial» do mundo!), permitimo-nos aproveitar o ensejo festivo do Natal para, em família, nós mais os nossos leitores, darmos balanço a estes sete números publicados, para fazer aquilo a que os marinheiros chamam «o ponto» e os administradores «deitar contas à vida».

Vem tudo isto directamente da nossa bôa disposição pelo facto de termos conseguido «deitar cá para fora» — nós que não somos poderosos, nem aspiramos a outro poder que não seja o de levar o cinema em Portugal pelo melhor caminho (o que já não é, aqui para nós, pequenina ambição...) — um número de Natal com o melhor de trinta e tantas páginas, exclusivamente dedicadas a assuntos cinematográficos.

Deve-se tal possibilidade a um conjunto de factores que nos parecem bastante elucidativo quanto à capacidade do nosso meio em relação ao cinema, capacidade enorme, mas perfeitamente inexplorada, quando não retraída, pela pusilanimidade de alguns (alguns, mas muitos...) portugueses de hoje, que passam a vida a procurar desmentir, com o seu triste exemplo, a maravilhosa história de aventuras que é a história da nossa gente.

A pequenina história do «Animatógrafo» já tem bastante que contar, como a da Nau Catrineta. Primeiro a idea do Clube, cujo êxito imediato já hoje assinalamos com provas irrefutáveis. Depois, a homenagem a Renoir, no São Luiz, vitória indiscutível. Outro êxito: o inquérito de «Mulheres», pelo escol de respostas que conseguimos reünir. E outro ainda: o apêlo aos novos, que acorreram com artigos do maior interêsse, como os que temos publicado na página especial que lhes dedicamos. E há mais: o concurso de «Mister Smith», prova cabal de que os portugueses não carecem de imaginação — e de que apreciam devidamente o valor de quinhentos escudos em dinheiro...

Agora — o Número de Natal. Todos os dias, o correio nos traz a prova mais provada de que não estamos sós, de que há compatriotas nossos por quem e para quem vale a pena «fazer coisas», conjurar dificuldades e fazer sacrifícios. Garanto que isso é bem consolador!

São essas, aliás, as melhores «broas» que poderia desejar «Animatógrafo», importando não esquecer a compreensão com que o nosso jornal foi acolhido no meio profissional do cinema, não só em Portugal, mas no estrangeiro. Mas temos mais alguma coisa a pedir, como é de uso nesta quadra, embora sob a forma discreta dum cartão de visita impresso propositadamente:

«Animatógrafo», jornal cinematográfico desta área, deseja Boas-Festas a V. Ex.ª e a sua Ex.ma Família.

Temos a pedir-lhes que não emprestem nem peçam emprestados os números do «Animatógrafo»; que não os leiam nos balcões das tabacarias; que não contribuam para o «borlismo» que tanto tem prejudicado e continua prejudicando a vida portuguesa. Os que puderem assiná-lo, reparem que nisso só terão vantagens — dando-nos vantagens a nós.

Uma assinatura — eis o melhor presente de Natal que poderão depôr no nosso sapatinho, as melhores broas do «Animatógrafo» que, modéstia àparte, não as ganhou nada mal.

ANTÓNIO LOPES RIBEIRO

PANORÂMICA

«Animatógrafo» e a Imprensa

A aparição de «Animatógrafo» mereceu dos nossos camaradas da Imprensa de todo o País um acolhimento que nos desvanece. A maioria não se limitou a saüdar com quatro linhas sêcas — embora cordeais, como é da praxe — mais um semanário cinematográfico, que é aliás o único que tem a coragem de aparecer regularmente nestes tempos tão escassos de papel e tinta de imprimir. Antes o fizeram com palavras de grande gentileza, não só para quem o dirige e para quem nele colabora, mas também para o fim que se propõe e para a forma como se apresenta.

A todos queremos agradecer, e garantir que temos as suas saudações como prémio excelente e estímulo eficaz.

Pedimos licença para distinguir as duas publicações da «Renascença Gráfica», a que nos ligam tão fortes vínculos profissionais, pois nessa casa encetámos a marcha que nos trouxe até onde chegámos. «Diário de Lisboa» e «Sempre Fixe» distinguiram «Animatógrafo» com um tratamento de excepção: o primeiro, comentando na sua primeira página as nossas iniciativas, o segundo, dedicando ao nosso jornal, e em particular ao correio de Bel-Tenebroso, um espirituosíssimo artigo humorístico intitulado «O Rei da Mala Posta».

«Primer Plano» e Portugal

A magnífica revista cinematográfica espanhola «Primer Plano», que Garcia Viñolas dirige com notabilíssimo sentido cinematográfico e com admirável unidade, nomeou seu correspondente efectivo em Portugal o nosso camarada e colaborador Fernando Fragoso.

A ambos queremos aqui felicitar: ao director de «Primer Plano» pelo acêrto justíssimo da escolha; ao antigo director de «Cine-Jornal» pela honra de ver os seus artigos impressos numa publicação de tão alto nível mental. Aliás, o primeiro artigo de Fragoso — uma entrevista com Jean Renoir, em que se esboça o que veio a ser depois o projecto da União do Cinema Latino — é digno da revista e do autor.

Mais estreita se torna assim a colaboração entre Portugal e Espanha, no campo cinematográfico. E não é difícil prever as boas conseqüências que dessa colaboração podem resultar, se as afinidades que hoje se patenteiam forem aproveitadas convenientemente.

Jean Renoir

Partiu na sexta-feira passada, para a América do Norte, o realizador francês Jean Renoir, de cuja estadia entre nós «Animatógrafo» se ocupou com o desenvolvimento que merece tão representativa figura do cinema contemporâneo.

A despedida, afectuosa e saüdosa, vincou bem os laços de indestrutível amizade que hoje ligam a Portugal o mestre francês. Êle próprio nos pediu, à hora da largada, que transmitíssemos a todos os portugueses, e em particular aos profissionais de cinema, a sua gratidão por todas as provas de carinho de que foi alvo, e que o tocaram profundamente.

Renoir não se limitou porém a acolher as homenagens de que foi alvo: procurou conhecer a fundo o cinema português. Pode dizer-se que nenhum filme lhe escapou, pois todos quiz ver, e para todos teve palavras que denotam a forma como procurou compreender-nos, sinceramente, não poupando os elogios que lhe pareceram justos, nem os reparos que lhe pareceram úteis.

Da passagem de Renoir em Lisboa alguma coisa fica mais que uma recordação: ficam os fundamentos duma estima recíproca e profícua.

Programas em branco

Já repararam que a grande maioria dos programas que servem de pretexto à gratificação que é hábito — e justiça — dar a porteiros e arrumadores vêm pràticamente em branco? Tudo o que lá se imprime — ordem do espectáculo, título português das fitas, nomes dos artistas principais (quantas vezes com a grafia estropiada — é conversa fiada, inútil, que nada adianta ao espectador, e nadinha aos cinéfilos. Ora espectadores e cinéfilos (partindo do princípio, errado embora, de que existem essas duas espécies bem distintas) têm o direito de exigir um pouco mais de consideração, traduzida em mais completas e exactas informações.

Será excessivo pedir àqueles senhores que vivem do espectáculo cinematográfico que imprimam nos seus programas tudo aquilo que é susceptível de interessar, ainda que a uma minoria de curiosos? Escrever num programa o título original dos filmes exibidos, dar a sua distribuïção técnica e artística «completa», tal como vem nas legendas de entrada e nos impressos fornecidos pelos distribuïdores, é obrigação elementar dos exibidores de filmes. Pois só alguns, raríssimos, o fazem. Os outros — acham que não vale a pena, porque o espectador não quere saber. E' falso. E' falso e é estúpido. Porque isso contribui, mais do que êles imaginam, para o desprendimento do público, germe de todos os fracassos imerecidos e de todos os êxitos incompletos.

Que é feito de Fred Niblo?

Há dias alguém nos fez, à queima-roupa, esta pregunta aparentemente simples:

— Que é feito de Fred Niblo?

Olhamos uns para os outros. Nenhum de nós sabia — e, modéstia àparte, não nos julgamos dos piores informadores. Mas sabíamos quem era Fred Niblo. E reparamos que Fred Niblo foi um dos mais afamados (justamente afamados) realizadores cinematográficos. E verificamos que já ninguém fala dêle, nem sequer sabe dêle...

No entanto, Fred Niblo foi o realizador do «Sinal do Zorro»; e foi o realizador de «Ben-Hur».

Que é feito dêle? Porque se sumiu da publicidade cinematográfica?...

Temo-nos na conta de bem informados. Por isso a pregunta nos parece mais angustiosa.

Que é feito de Fred Niblo?...

Nesta simples interrogação se resume tôda a trágica voracidade do cinema. E julgamo-la suficiente para justificar o nosso papel de...

O CINEMA e a MÚSICA

Pelo Dr. RODRIGUES CAVALHEIRO

Foi em Paris, há dez anos, numa simpática instituïção, *Les Amis de la France*, instalada modestamente num andar da Rua de Rennes, não muito longe do cosmopolitismo boémio de Montparnasse, que pela primeira vez assisti à exibição de alguns filmes que representavam uma curiosa tentativa de vanguardismo cinematográfico, e que tinha, então, por arauto a persistência e a sinceridade de Madame Germaine Dulac. O ambiente era quási familiar, pois ali se reunia, tôdas as sextas-feiras, um núcleo muito agradável de alunos e alunas da Sorbonne e de outras escolas superiores da grande capital. Franceses, poucos; predominavam alemãis, ingleses, americanos, canadianos, russos *brancos* e *vermelhos*, romenos e alguns chineses e japoneses. Era eu o único português e não lobriguei nunca nem espanhóis nem sul-americanos.

A bonomia inteligente de Henry Soulié, que presidia a esta *tertúlia* universitária e era ao tempo deputado da Direita, convertera aquelas salinhas despretenciosas num centro de cultura e arte, onde semanalmente se ouvia boa música e se escutavam sempre com proveito algumas palestras de actualidade. Não esquecerei a lógica bem apetrechada de René Gillouin defendendo os fundamentos do novo Humanismo, nem o ardor combativo de Philippe Barrès evocando algumas recordações pessoais da outra Grande Guerra. Tampouco se me desvanecerá da memória o áspero duelo de palavras que marcava, por vezes, nitidamente, que entre Moscovo e o resto da Europa havia ainda um abismo difícil de transpor. Os sovietes tinham ali, na pacata instituïção da Rua de Rennes, um defensor veemente e esclarecido. Estou ainda a vê-lo: — vinte anos entusiastas, baixo, trigueiro, olhar vivo e penetrante, — dir-se-ia, no tipo físico, um portuguesinho palrador e apaixonado. Só de quando em qùando, em certa expressão, indefinida através das lentes, se adivinhava o perturbador mistério da estepa.

Madame Germaine Dulac apresentou-nos, em mais duma sessão, alguns pequenos filmes duma arte requintada. Tratava-se da transposição visual de poemas musicais dos grandes mestres. E assim, lembro-me perfeitamente de ter *visto* um *Nocturno* de Chopin, os *Jardins sous la pluie* de Debussy e um poema delicadíssimo de Ravel. Imagens sucessivas e harmoniosas como que brotavam espontâneamente dos ritmos sonoros que nos envolviam, — e eram, agora, paisagens luarentas, parques perfumados, depois, em seguida alamedas outonais, por fim, lagos mortos, repuxos melancólicos, — ou, num capricho mais cerrado ainda, simples esboços nevoentos, ao sabor da imaginação e da melodia. Outras vezes, para certas expressões mais geométricas do som, cristalizavam-se na tela arabescos fantásticos, que, de momento a momento, nos apresentavam uma variação incessante de motivos visuais. Era, em suma, a *música do cinema*, — uma fusão felicíssima do ouvido e dos olhos, tentativa a mais para aquele *cinema absoluto* que nos revelará, um dia, um génio superior.

●

Esta ligeira página de recordações traz-me aos bicos da pena algumas frases duma entrevista dada, há anos, por Pirandello a um semanário parisiense. Dizia o grande dramaturgo: — «O cinema, geralmente, não é mais do que uma má cópia do teatro. Era preciso fazer outra coisa. Poder-se-iam conseguir prodígios, se se tomasse em linha de conta que o cinema é uma arte que, como de resto tôdas as artes, tem possibilidades próprias. Mas quási nunca vi um filme que me satisfizesse.»

E Pirandello explicava depois o que entendia por arte cinematográfica: — «Creio que o elemento próprio do cinema é a música — e não a literatura, que o cinema banaliza. O grande êrro tem sido o de apresentar tão freqüentemente na tela obras literárias adaptadas. O cinema, acima de tudo, deve sugerir. Eis porque o vejo tão próximo da música.» Detalhando melhor o seu pensamento, Pirandello acrescentava: — «Se encontrasse um realizador que compreendesse esta ideia, desejaria transpor para o *écran* as sinfonias de Beethoven: — a *Heroica*, a *Pastoral*, tôdas as outras. Isso nada teria de forçado, eu fá-lo-ia naturalmente, pois, sem querer, quando oiço música, sou assaltado por visões. E assim, se tocam a *Heroica*, vejo logo desfilar tropas em marcha.» E o grande dramaturgo rematava desta forma as suas curiosíssimas considerações sôbre o assunto: — «Eis por que me parece que o cinema poderia ser a linguagem visual da música. Sem contar que o filme se tornaria então universal, como no tempo do cinema silencioso.»

Assim falou Pirandello. E que as suas ideias eram alguma coisa mais do que uma simples fantasia de poeta, provou-o, depois, a exibição, em Paris, dum filme de Alexeïeff e Claire Parker, inspirado no belíssimo poema de Mussorgsky *Uma noite sôbre o Monte Calvo*. Um crítico de responsabilidade não hesitou em escrever, então, estas linhas: — «Os autores substituïram a técnica do desenho animado pela água-tinta, cujas preciosas gradações cinzentas dão a cada uma das fases do seu pesadêlo uma estranha profundidade de colorido. O assunto que escolheram, um *sabbat* no famoso monte vizinho de Kiev, não é senão um cómodo pôrto de partida poético: sem outro princípio mais que a docilidade à música, vão surgindo visões estranhas, untuosas, em que a massa gris se estende, se amalgama e reabsorve e finalmente faz brotar duma imagem outra imagem, dando um pouco a impresão duma espécie de órgão visual. Estes conjuntos muito belos, duma arte, por vezes, desconcertante, mas sempre curiosa, solicitam da pintura certos pormenores que se reconhecem com alegria: — fragmentos de Matisse ou de Vlamink, paisagens lívidas de Gauguin, com um cavalo côr da lua, um pormenor do tecto da Sixtina arrancado subitamente ao seu tempo, e, sobretudo, as prodigiosas feiticeiras de Goya, de que uma grande parte da película parece, na verdade, um comentário.»

Quem conhece a composição de Mussorgsky pode adivinhar as possibilidades infinitas que em tal campo se desdobram à sensibilidade dum artista visual. Pena foi que o exemplo de Alexeïeff e Parker não tivesse frutificado largamente, criando-se ao cinema uma nova modalidade estética e fazendo dêle, na verdade, — segundo a expressão de Pirandello — «a linguagem visual da música».

RODRIGUES CAVALHEIRO

SE O CINEMA NÃO FÔSSE POESIA...

por ALVES DE AZEVEDO

Agora que a Humanidade vive um pesadêlo macabro sem despertar possível, devemos, como Sócrates nas vésperas da sua execução, pagar também o nosso galo a Apolo; prestar homenagem à sétima arte é hoje com efeito a única forma de defendermos o que nos resta do património espiritual de tôdas as outras.

Se o cinema não fôsse de facto «Poesia» — mãe de tôdas as artes — e também o sonho da vida que desejaríamos levar, como saberíamos encarar o terrível dilema que a civilização contemporânea põe a todo o homem que não é uma simples máquina de digerir, um número entre muitos.

O mundo, espiritualmente devastado pelo terramoto das inquietações sociais e pela guerra, não cria hoje já essa atmosfera poética que tornou possível noutras épocas poetas como Dante, Milton, Camões, etc.

Só o ambiente religioso da Europa do século XIV explica a «Divina Comédia», como só a mística Inglaterra do século XVII justifica o «Paraíso Perdido», e finalmente apenas ou sobretudo as descobertas marítimas dos novos mundos, o espírito português de cruzada, puderam criar tão alta e estranha sensibilidade poética coco a que lùcidamente se reflecte nos «Lusíadas».

Profundamente entristecido no íntimo do seu pensamento, o homem busca hoje na forma e na côr a expressão do seu sentir, a sua ânsia de indeterminado, «a sua vida poética». São hoje os seus poetas os grandes realizadores cinematográficos, os René Clair, Frank Capra, etc., que lhe trouxeram com efeito, a verdadeira essência do seu sonho, a substância do seu ideal. Por isso, obras como o «Horizonte Perdido», encontraram no grande público um eco inesperado.

O maravilhoso poder de expressão do cinema adapta-se perfeitamente à maneira de ser da humanidade actual, mas o seu estilo quando se trata de filmes de grande classe não é excedido nem mesmo pelo dos maiores poetas do Renascimento. Pode dizer-se que o cinema acrescentou algumas cordas não só à lira dos gregos como à dos romanos e ainda à dos poetas modernos.

Conta Francis de Croisset que tendo assistido um dia com Charlie Chaplin à exibição da «Quimera do Ouro», quando saíram dissera a êste não sòmente o grande prazer, mas a emoção que sentira. Charlot olhou-o e, hesitante confiou-lhe: — Não estou contente. — Francis de Croisset mostrou-se surpreendido. Chaplin explicou então: — Já não desejo comover com a dor, quero ser Punch, fazer rir, rir.

Não compreendi esta frase senão depois de assistir a «Tempos Modernos», que é na minha opinião um filme incompleto, mas magnífico, onde o admirável artista que é Charlot, verdadeiramente se ultrapassa. Porque é verdadeiramente com o cómico que êle nos enternece, com o estravagante que êle nos empolga, e quando o espectáculo terminou é quási com as lágrimas que nos lembramos do nosso riso.

E' esta capacidade de modificar o próprio «espírito» a maior virtude do cinema.

Se assim não fôsse, como poderíamos suportar hoje o esplendor de tantas civilizações mortas, o brilho do século das luzes e o «Black-out» do nosso.

A vida é agora mais monótona e triste do que nunca o foi; e só os filmes como por exemplo «Viver não Custa» e outras ridentes lições de optimismo, nos conseguem fazer esquecer por momentos as civilizadas preocupações dos nossos tempos felicíssimos.

ALVES DE AZEVEDO

O Natal do "Vilão"

CONTO POR JOSÉ DA NATIVIDADE GASPAR

Fred Lane ergueu-se do solo, sacudiu a poeira, e, como o director dera por concluídas as filmagens nesse dia, encaminhou-se para o seu camarim. A saída do «set», o encenador Max Kirby mais uma vez o cumprimentou pelo realismo que êle imprimira à cena em que, no cabaré, agride o galã, que, porém, no final o vence.

— Mas, agora reparo, Fred... — observou-lhe o director. Você tem a face a sangrar!

O actor, efectivamente, sentia no rosto certo ardor e humidade. Passando um dedo pela cara, onde o «make up» ficara algo desfeito na luta, trouxe-o vermelho de sangue.

— Vá à ambulância tratar-se! — aconselhou-lhe o encenador. — Aquele alarve do Broderick Douglas, se tivesse a inteligência tam aguçada como as suas unhas de mulher, seria realmente um galã de talento!

— Deixe-o lá... — pediu, sorrindo, Lane.

Isto na cara não tem importância e o rapaz não é tam desprovido de qualidades como V. o afirma...

O encenador parou para, indignado, protestar:

— Qualidades!? Essa não é sua, Fred! Que as meninas cinéfilas o adulem com declarações de amor e pedidos de retratos, vá! porque elas vivem iludidas pela publicidade, pelas fotografias retocadas e pelos papéis em que o Broderick tem sempre a parte simpática! Agora, V., que trabalha com êle, que tem visto que êle, só à vigésima vez, compreende uma expressão ou uma cena, que qualquer reles figurante mais perfeitamente exteriorizaria, é que não tem o direito de falar assim, a não ser que o faça por troça!

Um empregado do estúdio acercou-se dos dois e disse ao actor:

— Mr. Lane. Está ali uma pequena que lhe deseja falar.

— Vou já!

Max Kirby deu rija palmada nas costas do amigo e gracejou, já bem disposto:

— Afinal, V. é o «vilão», mas as pequenas também o procuram...

— Faça justiça à minha cara, meu amigo! rogou o outro, também sorrindo. — O amor para mim está limitado ao que minha mulher me consagra, e que aliás perfeitamente me basta. Quanto ao resto, lembre-se de que, por cem missivas de amor que o Broderick diàriamente recebe, no meu cacifo aparece uma única carta e esta mesmo é raivosamente insultando-me...

— Bem, em todo o caso não faça esperar a beldade que o espera. Até quinta-



-feira e alegre Natal, com todos os seus! Por sinal, eu já não vou muito cêdo comprar os presentes para a minha gente!...

— Natal feliz, Max!

O «vilão» atravessou os estúdios, retribuindo, com aquele seu sorriso simpático, que os encenadores lhe proïbiam ante a objectiva, os votos de «feliz Natal» que todos os camaradas, figurantes e pessoal da companhia lhe endereçavam com a espontaneidade significativa da estima que consagravam àquele excelente homem, que só era mau e repelente nos argumentos que interpretava.

Na sala de visitas, esperava-o uma rapariga, modestamente entrajada, triste de semblante, e que se ergueu para o cumprimentar.

Fred Lane não se recordava de a ter visto antes. A pequena apresentou-se: Era Mary Gills, uma pobre figurante a quem o «vilão», em tempos, protegera, conseguindo-lhe lugar nos estúdios. Mas, como êle costumava não reter na memória as boas acções que praticava, foi preciso que a rapariga pormenorizasse a época, a pessoa que a recomendara, as circunstâncias em que o pedido fôra feito, para que Fred, enfim, se lembrasse um pouco dêsse passado assunto e para êle sem importância de espécie alguma.

Aliás, não era por isso que Mary Gills o procurava agora. A razão era outra. Imediatamente, com lágrimas na voz, em voz baixa lha expôs:

A escassez de trabalho, a vida difícil de Hollywood, a necessidade de sustentar a família a seu cuidado, haviam obrigado Mary Gills a recorrer a um prestamista secreto, que as suas colegas, como ela, necessitadas, umas às outras indicavam. A figurante procurou-o e foi atendida à custo de sacrifícios, logo pràviamente impostos, antes de o dinheiro lhe ser entregue, garantido por pesada usura. Mary, enquanto pôde, pagou os juros. Depois, suplicou ao usurário uma espera que foi indeferida com ameaças e injúrias. Naquela véspera de Natal, a pequena foi informada de que o agiota iria cair sôbre ela com a sanha que a crueldade própria e a ajuda das leis lhe facultavam, e, por isso, para que na sua pobre casa houvesse, senão felicidade, pelo menos tréguas no dia santo que todo o Mundo crente comemora, ela vinha suplicar ao seu protetor, não que lhe valesse monetàriamente, mas que intercedêsse junto do seu colega para que êle fôsse mais humano e compassivo.

À palavra «colega», Fred Lane mostrou certa surprêsa e repetiu-a admirado:

— Colega !

— Sim, — nomeou, de olhos no chão, a rapariga — Mr. Broderick Douglas...

Era então verdade! O peralvilho galã, antipático para todos os confrades do estúdio, de há muito que era suspeito, entre os colegas e dirigentes da companhia, de se entregar a inconfessáveis negócios de usura.

O compassivo Fred tranquilizou a pequena. Mandou-a para casa, com a certeza de que o seu Natal não seria perturbado por nenhum dissabor. Depois, o mais odiado dos «vilões» da tela foi dali ao perfumado camarim de Broderick Douglas. O galã recebeu-o altivamente, no seu sumptuoso roupão de setim, e inteiramente absorvido no arranjo das próprias sobrancelhas.

Calmamente, Lane rogou-lhe mais generosidade para com Mary Gills, mas o actor, glacialmente, disse-lhe que, sendo o dinheiro pertencente a um amigo, da parte dêle Broderick não podia contar com procedimento diferente.

A mais insistente súplica redarguiu, irònicamente, que não lhe interessavam as inclinações sentimentais dos colegas, os quais, se porventura queriam levar até ao fim o seu papel de bom samaritano, tinham, para isso, um meio extremamente simples: liquidar as dívidas da protegida aflita...

Fred Lane sentiu correr-lhe nas veias aquele mesmo ardor que, no filme actualmente em execução, a rubrica lhe indicava que usasse em relação ao galã, seu inimigo. Sentiu, por segundos, ganas de lhe atirar à cabeça com a estatueta com que certo clube feminino brindara o ídolo de olhos românticos. Mas conteve-se e limitou-se a preguntar qual o montante da dívida.

— Uns míseros duzentos dólares... — respondeu, cinicamente, Douglas... um modesto presente de Natal...

— Venha o recibo! — ordenou, ríspidamente, Lane.

Broderick abriu a gaveta do toucador, folheou num maço de papéis todos iguais, tirou um e estendeu-o ao «vilão». Êste olhou-o em exame atento, tirou da carteira algumas notas e atirou-as ao espelho em cujo cristal o galã

O Natal do "VILÃO"

pesquizava as suas sobrancelhas supérfluas.

A noitinha, Mary Gills recebia, pelo correio, o recibo, com um cartão sem outras palavras do que estas:

«As Boas Festas de Broderick Douglas».

Mas a radiosa pequena não se iludiu, porque, horas depois, na casinha risonha de Fred Lane, êste deixou, por uns momentos, a espôsa e os três filhos, todos felizes à roda da iluminada árvore de Natal, para ir aceitar, à porta, um ramo de flores, com estas linhas traçadas num cartão:

«Que a V. e aos seus, Deus conceda, num Feliz Natal, as bençãos que do coração lhe deseja a inesquecìvelmente grata

Mary Gills.»

— Que é isso? — preguntou-lhe, depois, a espôsa.

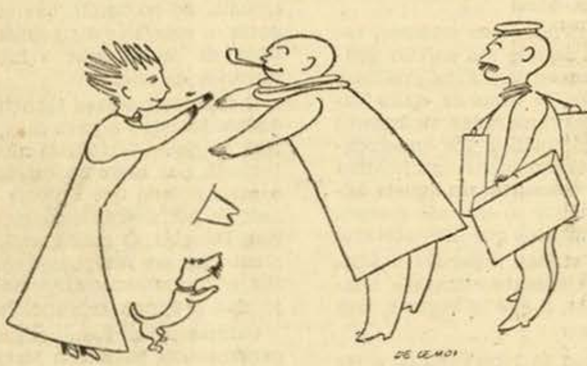
O artista respondeu, sorrindo:

— As boas festas que, pela primeira vez em cinco anos de vida cinematográfica, alguém envia ao «vilão» mais odiado das plateias...

Naquela altura, soou meia-noite e, do aparelho de rádio, ergueu-se, solene e impressionante, o coral sagrado do *«Adeste fideles»*.

JOSÉ DA NATIVIDADE GASPAR

DE MALA AVIADA



— Adeus, minha filha! Vou para o Olimpia, vêr uma fita em séries.

O CONCURSO de «Mister Smith goes to Washington»

Os últimos dias do prazo que fixámos para entrega das sugestões sôbre o título português do novo filme de Frank Capra «Mister Smith goes to Washington», avolumaram consideràvelmente o êxito do concurso, que já havíamos salientado no número anterior. Todos os dias surgiram na nossa redacção montões de cartas e postais, alguns completamente enegrecidos com letra miudinha e compacta. Por aqui se pode avaliar o comprimento das listas de títulos enviadas por alguns concorrentes.

O campeão da semana passada, com os seus 37 títulos, foi largamente ultrapassado por muitos competidores. A «camisola amarela» foi conquistada por um leitor que nos bombardeou com cento e setenta títulos! Quanto aos 500 escudos, que a Aliança Filmes e «Animatógrafo» oferecem — resta vêr ainda quem os ganhará... No próximo número publicaremos o resultado do concurso, e então serão desfeitas muitas ilusões e será satisfeita uma esperança. Lamentamos que a proporção tenha de ser esta — tantas desilusões e uma só alegria! Mas a vida é assim — não há volta a dar-lhe. O que é preciso é que os vencidos não desistam, não se deixem vencer — e que voltem a aparecer na primeira ocasião, com o mesmo entusiasmo, a mesma confiança e a mesma fé em si próprios.

Falta-nos o espaço nêste número para dedicarmos mais pormenorizada atenção às respostas enviadas. No entanto, não queremos deixar de destacar dois casos: um é o de oito irmãos que mandaram cada um o seu título, na mesma folha de papel, cada qual com a sua letra; o outro é o de um leitor que lembra muito a propósito uma quintilha célebre de Sá de Miranda, onde foi buscar dois títulos muito «possíveis»: «Homem dum só parecer» e «Antes quebrar que torcer».

CINEMA PORTUGUÊS

Começou a construção na TOBIS PORTUGUESA dos cenários do novo filme de BRUM DO CANTO

«LOBOS DA SERRA»

A verdade é que o Cinema português continua. O ambiente é eriçado de dificuldades e de deficiências; não se produz com continuidade, numa indústria que tem na continuidade a principal razão da sua rapidez, perfeição e, portanto, a principal razão do seu lucro; não se tem atacado o mercado convenientemente, de forma a explorar todas as suas possibilidades que, sem serem muito fecundas, são, no entanto, largamente suficientes; já se encarou a necessidade de formação, especialização e garantia de equipes de pessoal técnico habilitado e competente, mas ainda não se conseguiu levar por diante a realização e concretização das soluções encontradas. Apesar de tudo, a verdade é que o Cinema português continua e continua mesmo com o aumento das dificuldades de toda a espécie, que são resultados da actual crise do mundo. As fitas portuguesas surgem e abrem carreira, marcando, na generalidade, um progresso técnico e artístico, apresentando-se como sucessivas étapes duma marcha ascendente que só os mal-intencionados não vêm evidente.

FITAS NOVAS

A «Lisboa-Filme» acabou há dias, as filmagens da sua produção «Pôrto de Abrigo», dirigida por Adolfo Coelho, e executa agora os últimos trabalhos de laboratório a fim de a apresentar no próximo mês de Janeiro do ano de 1941, num dos cinemas da capital. Pois ainda antes desta fita acabada já se iniciaram os trabalhos definitivos para a realização duma nova película, «Lôbos da Serra» que a Tobis Portuguesa vai produzir. Jorge Brum do Canto cujos trabalhos «Canção da Terra» e «João Ratão», a crítica e o público receberam com tanto entusiasmo, será o director de «Lôbos da Serra».

MÚSICA E ARQUITECTURA

No estúdio da Quinta das Conchas começaram já a erguer-se os dois maiores cenários interiores desta fita que são, como os restantes, da autoria de Raul Faria da Fonseca, um consagrado desde as provas brilhantes de «João Ratão».

Estão também ultimados a preparação prévia e os planos de trabalho de filmagem desta película em que o autor da «Canção da Terra» volta a assinar, além da realização, planificação e montagem, o argumento e os diálogos, e as canções. A música destas, como aliás de todo o acompanhamento da fita, será escrita pelo maestro Jaime Mendes, cujo trabalho em «Pão Nosso» tanto agradou, o qual dirigirá toda a parte musical.

OS INTÉRPRETES

Maria Domingas que com a interpretação de «Vitória» do «João Ratão» marcou definitivamente o seu lugar, dentro do cinema português vai novamente, encarregar-se dum papel cheio de dificuldades que é o de «Margarida», protagonista de «Lôbos da Serra». Sabemos que a personagem se lhe ajusta muito especialmente pois foi escrita de propósito para ela. Jorge Brum do Canto ficou tão satisfeito com o trabalho de Domingas no «João Ratão» que teve sempre presente as qualidades e grandes possibilidades dela emquanto delineou a acção de «Lobos da Serra» a qual gira, precisamente, à volta de «Margarida» curiosa figura de rapariga que luta pela felicidade, e pela reconquista dos dias alegres quando êstes fogem.

No «João Ratão» Domingas tivera já ocasião para cantar, chorar e rir. Agora em todos estes aspectos e noutros a simpática vedeta, que está entusiasmada com o seu papel, vai alargar com certeza as provas prestadas e cativar ainda mais as nossas plateias — o que, aliás, pela maneira enérgica como luta para triunfar e pelo seu inegável talento e fotogenia, merece absolutamente.

António de Sousa, o camponês de «Pão Nosso», que em «Pôrto de Abrigo» acaba de representar um dos principais papeis, está indicado para protagonista masculino da história do novo filme de Jorge Brum do Canto, papel que é cheio de dificuldades mas que se presta à maravilha para revelar todas as qualidades dum grande actor.

Para completar o elenco indicam-se alguns dos nossos melhores actores de teatro, uns apenas revelados, outros desde há muito consagrados, mas todos valiosos. Sabemos que, entre outros, vão ser convidados Manuel Santos Carvalho, Armando Machado, Silva Araújo, Ema de Oliveira, Marimília, Artur Rodrigues, José Alves, Fernando Pereira, Pereira Saraiva, Carlos Alves, Carlos Baptista, o pequeno Fajeca e, além de muitos outros os grandes «azes» do riso António Silva e Costinha que se vão tornando, ao que parece, intérpretes imprescindíveis em produções nacionais.

UM «CINÉFILO» ESPECIAL...

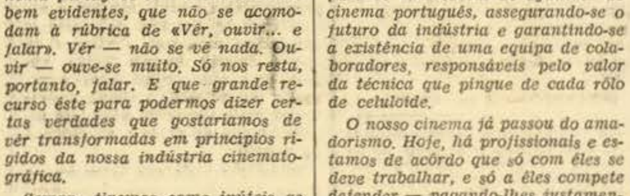
Completa o elenco um outro elemento que vai ser, calculamos, uma grande revelação para o público português — o «Patinhas». «Patinhas» que na realidade se chama «Vouga» é um simpático rafeiro que Jorge Brum do Canto conheceu em Pessegueiro do Vouga quando filmava os exteriores de «João Ratão». A graça, obediência e habilidade do cão entusiasmaram de tal forma o realizador que logo pensou arranjar-lhe um papel na próxima fita. Pensou e realizou: em «Lôbos da Serra», «Vouga» vai interpretar o papel de «Patinhas» um cão, útil e fiel, capaz de dar que falar.

A ACÇÃO E QUEM A FOTOGRAFA

A acção de «Lôbos da Serra» centraliza-se numa vila portuguesa, do Minho perto da fronteira e decorre ora no cenário rude e abrupto das serranias de Peneda, ora na formosura e tranqüilidade dos meneios do Rio Minho. A par de cenas de grande violência e dinamismo passadas com os contrabandistas na sua luta contra os elementos e a guarda fiscal, há momentos de irresistível comicidade e outros de apaixonante sinceridade.

Cesar de Sá culto e competentíssimo operador português foi escolhido por Jorge Brum do Canto para assinar a fotografia de «Lôbos da Serra» o que é, além da categoria do realizador e dos intérpretes, mais um elemento de grande valor a garantir a qualidade da nova produção da Tobis Portuguesa.

«Animatógrafo», dentro da sua missão de servir o cinema em geral e o cinema português em particular, contiuará a dar aos seus leitores notícias desta produção.



Esta secção tornou-se um pesadêlo para mim. O panorama do cinema português tem características bem evidentes, que não se acomodam à rúbrica de «Vêr, ouvir... e falar». Vêr — não se vê nada. Ouvir — ouve-se muito. Só nos resta, portanto, falar. E que grande recurso êste para podermos dizer certas verdades que gostariamos de vêr transformadas em princípios rígidos da nossa indústria cinematográfica.

Sempre tivemos como inúteis as emigrações temporárias de técnicos e capitais para o Lumiar. Que interessa ao cinema nacional que se faça agora uma fita e que se comece outra daqui a seis ou oito meses? Que interêsse traz para o desenvolvimento e aperfeiçoamento do nosso cinema que o estúdio da Tobis se anime de tempos a tempos para ficar, nos intervalos, com o aspecto triste e fúnebre de um casarão sem vida interior? Só uma produção contínua, bem estudada e organizada, pode trazer vantagens. Ela é mesmo o único caminho para se «acertarem as agulhas» do cinema português, assegurando-se o futuro da indústria e garantindo-se a existência de uma equipa de colaboradores, responsáveis pelo valor da técnica que pingue de cada rôlo de celulóide.

O nosso cinema já passou do amadorismo. Hoje, há profissionais e estamos de acôrdo que só com êles se deve trabalhar, e só a êles compete defender — pagando-lhes justamente o seu trabalho. Mas não basta filmar com máquinas impecáveis e revelar com limpeza. É preciso, também, ter o espírito da profissão e o sentido da responsabilidade. E êstes só se adquirem com a certeza de que se enveredou por uma profissão desejada e da qual não há que ter arrependimento por falta de actividade.

Já o temos dito e repetimos. Um dos maiores males do cinema português é a desordem que é filha da falta de um plano, de um estudo a sério, que seja pôsto a funcionar sem «colapsos», para nos servirmos de uma palavra tão em moda. É indispensável que se deixe de pensar numa fita — para se pensar, antes, em fitas. É preciso que cada entidade não faça nada sem saber, pelo menos, o que vai fazer daí a um ano. Assim, — haverá produtores, isto é, pessoas especializadas na complicada mecânica administrativa da produção cinematográfica e não chefes desta ou daquela firma de distribuição que põem os olhos no cinema nacional apenas pela necessidade de valorizar o seu lote de filmes estrangeiros.

António Lopes Ribeiro garantia-me, há pouco, que jurara não voltar a dirigir uma fita grande sem ter outras preparadas (por êle ou não!) que se lhe sigam. Caso contrário, prefere fazer documentários, já que é do cinema que tem que viver.

É um exemplo que deve ser seguido. Os capitalistas hesitam muitas vezes em comprometer o seu dinheiro em negócios de fitas. Há quem não compreenda a hesitação. Mas êles têm razão. A indústria dos filmes é como qualquer outra — só é remuneradora quando exercida com competência e esta só se obtém com o exercício contínuo e aturado da profissão.

AUGUSTO FRAGA

A PÁGINA DOS NOVOS

Como se matam CINÉFILOS

Porque foi que os cinéfilos de há dez anos não apareceram no primeiro dia e é necessário chamá-los? Porque se tenham desinteressado do cinema? Porque a sua vida profissional os prende a tal ponto que os não deixe assistir à passagem de filmes? Porque a idade e a maneira de viver os mantêm afastados num viver social em que julgam parecer mal fazer profissão de fé cinéfila? Porque, enfim, entendem que isso deve reservar-se para os mais novos — êles não são velhos, antes estão na plenitude das suas qualidades de trabalho, inteligência, vontade e realização — para «aqueles» que êles já foram, mais sonhadores, mais fantasistas, mais poetas, quando cursavam o liceu ou a Universidade ou, simplesmente, eram empregados comerciais ainda à prática?

Talvez de tudo isto haja um bocadinho.

E porque pensam assim? Porque no tempo de iniciação se lhes criou uma mentalidade falsa, ou pelo menos superficial a respeito das coisas do cinema. Criaram uma mentalidade cinéfila pouco consistente, ôca, superficial, agarrada ao pormenor banal e vistoso, actual mas fantasiado, belo, perfumado, atraente, sedutor, mas como o da rosa; desfolhado, com o tempo só deixa uma vaga recordação.

Onde está a cultura, alicerce de tôda a obra do espírito que se quere fazer perdurar? A cultura não morre, nunca se perde, antes se acrescenta muitas vezes até insensivelmente. Quantas minúcias apanhadas por um cérebro culto dão realizações magníficas e passam, para a maioria, como banalidades absolutas.

Qual tem sido o papel cultural das revistas e jornais de cinema? Temos de concordar que essa obra cultural tem sido quási nula. (Bem sabemos que há excepções).

Que pode interessar ao médico, ao advogado, ao engenheiro, ao contabilista ou ao comerciante que, por exemplo, a Greta Garbo use os cabelos platinados, castanhos, louros ou pretos? Mas êle não se desinteressa da artista; estimaria por certo ler um bom estudo sôbre esta glória da tela em que ficasse a saber alguma coisa sôbre as suas qualidades histriónicas, as modificações que trouxe à arte cinematográfica o seu aparecimento, as renovações que fez, o carácter que deu às personagens que encarnou, talvez o estudo comparado com artistas de teatro que tivessem desempenhado os mesmos papéis etc. Que lhe interessa que a Annabela passe algumas vezes em Lisboa para embarcar no Clipper, venha vestida de cinzento ou de azul, tome chá no Paladium ou no Tamariz? O que apreciaria seria um bom artigo ou entrevista em que tivesse ocasião de aprender alguma coisa sôbre a actriz além daquelas banalidades noticiosas, necessárias e úteis, mas na secção própria.

Talvez aos dezóito anos lhe interessasse mais a côr das meias da Annabela, mas agora, em família, com filhos, responsabilidades de cargo, não se detem a ler revistas de cinema ou artigos cinematográficos nos jornais diários por os julgar todos dêste género. Foi esta a idea que êle firmou na sua mocidade; é isto que êle julga ser cinéfilo!

O povo chama cinéfilo ao aéreo, ao que não toma a vida a sério, ao que vê tudo pelo prisma da fantasia e vive uma vida irreal, postiça.

Bem sabemos que cinéfilo não é, melhor: não pode ser isto. Mas o povo tão agarrado está a esta idea que dificilmente a mudará. E talvez os verdadeiros cinéfilos tenham de abandonar esta linda palavra derivada do grego que significa amigo do cinema, para conseguirem criar no povinho uma mentalidade nova.

É preciso criar, em Portugal uma verdadeira escola de cinema (não quero referir-me, claro, ao profissionalismo). Há tôda a vantagem em integrar o cinema no ambiente que êle merece e precisa, pondo-o lado a lado com as outras artes, publicando estudos completos sôbre os melhores filmes nacionais ou estrangeiros, fazendo *reprises* de fitas de valor indiscutível com a nota de exibição cultural. Como seria interessante uma conferência, ou melhor, uma lição, sôbre um filme, digamos clássico com a projecção das melhores passagens em que o mestre salientasse aquilo verdadeiramente digno de nota.

Quem sabe, em Portugal, como se faz um filme?

Se até os profissionais da crítica o ignoram! Não vimos, há pouco, Brum do Canto ter de explicar, a um crítico, que certos êrros que êle lhe apontara não lhe pertenciam visto o seu papel dentro do filme ser muito diferente do que o crítico julgava?

Quem sabe qual o papel de cada um daqueles cavalheiros que aparecem em destaque nas primeiras três ou quatro páginas (poder-se-á chamar-lhes páginas?) de legendas de qualquer filme de categoria? Não haveria interêsse em explicá-lo?

Às vezes, é desconsolador, parece que certas pessoas com responsabilidades preferem a ignorância do público. Haja em vista o que aconteceu a «Retardador» depois de publicar uma crítica felicíssima a uma conhecida produção portuguesa. Não foi censurado pelo realizador de ter pôsto os seus conhecimentos técnicos ao serviço do crítico! Foi o cúmulo! Tomáramos nós que todos os críticos tivessem conhecimentos técnicos profundos, pois escreveriam, com certeza, melhores críticas. O saber nunca ocupa lugar.

ANGELO MANUEL

CORREIO DOS NOVOS

ARMINDO BLANCO. — O seu artigo sôbre Basil Rathbone começa bem, mas depois... descarrila. Em todo o caso talvez o publiquemos, aliviado da prelecção histórica. E não desista!

J. C. RIBEIRO. — Não nos interessam traduções, mas sim artigos originais. As legendas do «Look» só valem com as imagens que comentam. Transformá-las num artigo, é pouco para a exigência legítima dos leitores de «Animatógrafo». Porque não tenta ir além, escrevendo de novo o que as legendas lhe sugeriram?

C. SANTOS. — O filme que o entusiasmou era bem feito, sem mais nada. Já vê que seria descabido um artigo tão encomiástico como o que enviou. Mas não desanime!

A. S. TORRES. — Li, com a maior atenção, o que me mandou. Há ideias ali dentro, bem mais «chaplinescas» do que supõe a sua modéstia. Hei-de escrever-lhe longamente sôbre o assunto, depois de conversar com o actor que indigita — e muito bem — para o protagonista. Parabens!

D. SANTOS — O diálogo que mandou acêrca de «Mulheres» não só perdeu a oportunidade, como é pouco adeqüado a um jornal de cinema.

POOR THING I AM—Obrigado pela carta. Ficamos à espera dos artigos. Mas não os faça tão grandes como a carta!

S. BRANDÃO — A sua «Cartilha do Cinéfilo» é, a nosso ver, excessivamente retrospectiva. «Animatógrafo» tem, acima de tudo, a preocupação da actualidade. Passar em revista e dizer que são muito bons os filmes que cita, tem qualquer coisa de lugar comum. Mas salva-se grande parte da doutrina que, se nos der licença, publicaremos, eliminando o que nos parecer repisamento inutil.

W. AMORIM — O seu elogio fúnebre já não tem qualquer actualidade e é bombástico em demasia. Um elogio fúnebre requere mais emoção e menos adjectivos.

JOSEPH S. BROOK — Os pseudónimos só são necessários para as respostas nesta secção. Os artigos podem ser assinados com o próprio nome ou com um pseudónimo, à vontade do freguês.

LENTIDÃO

A arte cinematográfica no nosso País, marcha com a lentidão de cágado em convalescença — termo usado pelos médicos espirituosos a quem peço vénia.

Toda a gente — quer os que vivem dessa e para essa arte — quer os que desejam que ela lhes satisfaça as exigências espirituais, é unânime em acusar essa lentidão. Mas, essa tôda a gente, é tambem teimosamente unânime em fechar os olhos à causa originária dêsse lento movimento.

¿Quem encara a sério, o desenvolvimento da sétima arte, neste País de excepcionais condições para o seu desenvolvimento?

As empresas cinematográficas, as empresas produtoras, os realizadores, o público? Não, ninguém!

Neste soberbo torrão, onde o Criador despejou largamente a luz, matizou artisticamente a paisagem, distribuiu sàbiamente os quadros e burilou genialmente os motivos, todos esperam cômodamente que o mesmo Criador lhes faça o milagre — não de lhes insuflar energia, corrigir defeitos ou moderar exigências, mas sim o milagre de que o Estado despeje alguns cofres, para que surjam como cogumelos, em volta de tronco suculento, os realizadores de génio, os argumentistas de valor e as estrêlas de mérito.

Neste País, em que o capital é pouco atrevido e menos abundante, não se procura a escala progressiva do esfôrço, com a qual chega-[illegible]os capitais, empresas estrangeiras que há vinte anos eram pobres sociedades animadas apenas da vontade de trabalhar, do desejo de vencer, apoiadas sòmente no seu valor e em magros capitais.

Neste País em que a crítica menos sincera e demasiado partidarista encara o filme segundo o seu espírito doutrinarista, o seu credo político ou a sua moralidade todos entravam a marcha do cinema nacional, prejudicam as lições dos filmes estrangeiros e trabalham impensadamente, senão para a supressão, para a dificultosa ascenção da arte cinematográfica.

Uma emprêsa produtora, depara primeiro com o próprio receio, depois com a indiferença do capital, a seguir, com os diversos pareceres técnicos, mais adiante, com a dificuldade de bons argumentos, por último com a má-vontade do público e da crítica que posso taxar de criminosa.

Um filme nunca é mau, não sendo mal interpretado, bem visíveis e vivas as imagens, belos os quadros e sofrível o argumento.

Um filme só é mau, quando o quadro nega a visão do argumento, os falsos encómios da crítica, a realidade das imagens e o valor dos intérpretes.

Criticar um filme desprestigiando-o apenas porque nele há pequenas faltas dispersas, sempre desculpáveis ou justificáveis! E' o mesmo que pretender estar isento de as cometer.

Criticar um filme enaltecendo-o, ou desprestigiando-o porque nele apenas vimos o que fomos procurar, a parte que se nos afigura doutrinária ou moral. E' o mesmo que criticar uma obra avaliando não a beleza e a arte que dela se desprende, mas sim a doutrina que do seu autor se desprendeu!

O bom não é o mau. O belo não é o sublime!

Mas, ¿sem o mau e o sofrível, o que seria do próprio sublime?

Filmar, é no país do filme, apresentar quadros e imagens, sem outra preocupação que não seja a de satisfazer todos os gostos, pelo re-[illegible]dos mesmos quadros e imagens.

Que assim o compreendam aqueles que no nosso País, veem conveniências e horizontes bem diferentes...

MARIA GIL

OS CINEMAS PORTUGUESES

Saüdam o Público por intermédio de «ANIMATÓGRAFO»

SÃO LUIZ

A FESTIVA QUADRA DO NATAL NÃO PASSARÁ DESPERCEBIDA NO «SÃO LUIZ» que organizou para essa data um programa sensacional, no PALCO e na TELA!

NA TELA: MICKEY ROONEY e JUDY GARLAND

no mais alegre filme musical da temporada

«DE BRAÇO DADO»

NO PALCO: Os célebres pianistas de fama mundial DR. EGON NEUMANN e KŒNIGSMARK

A Empresa A. Ramos, Ld.ª deseja aos seus clientes e amigos

FESTAS FELIZES

EDEN

TELEFONE 2 0768

Praça dos Restauradores — LISBOA

O CINEMA DAS BOAS FITAS DESEJA AS BOAS FESTAS

AO PÚBLICO DE PORTUGAL

Agora em exibição:

«O FEITICEIRO DE OZ»

— Sétima maravilha da Sétima arte —

TIVOLI

APRESENTA A TODOS OS SEUS ESPECTADORES E AMIGOS CUMPRIMENTOS DE

BOAS FESTAS

LEMBRANDO-LHES A VERSÃO PORTUGUESA DE

Pinocchio

O MELHOR PRESENTE DE NATAL

AV. DA LIBERDADE

TELEFONE PBX 5 0595

CINEMA CONDES

TELEFONE 2 2523

O CINEMA DE GRANDES TRADIÇÕES DESEJA AOS SEUS FREQÜENTADORES

BOAS FESTAS

PROMETENDO CONTINUAR A APRESENTAR

BONS FILMES

DEANNA DURBIN

A GRANDE INTÉRPRETE DO

«PRIMEIRO AMOR DA GATA BORRALHEIRA»

por intermédio da Empresa VICENTE ALCÂNTARA deseja a todo o público dos CINEMAS

ODEON

RUA DOS CONDES — Telefone 2 6283

PALÁCIO

AV. DUQUE DE AVILA — Telefone 4 7163

ROYAL

RUA DA GRAÇA — Telefone 4 5037

FESTAS FELIZES E UM ANO NOVO cheio de prosperidades

POLITEAMA

RUA EUGÉNIO DOS SANTOS

TELEFONE 2 6305

DESEJA AOS SEUS FREQUENTADORES

UM FELIZ NATAL

UM ANO NOVO MUITO PRÓSPERO

E A VENTURA DE PODEREM VER AS ARROJADAS E AUDACIOSAS AVENTURAS DE

Robin dos Bosques

NA MARAVILHOSA PRODUÇÃO COLORIDA ACTUALMENTE NA SUA TELA

CENTRAL CINEMA

TELEFONE 2 4381

NO COMEÇO DO NOVO ANO DE LOTAÇÕES ESGOTADAS TODOS OS DIAS, DESEJA A TODO O PÚBLICO CINÉFILO DA CAPITAL

UM ALEGRE NATAL

UM NOVO ANO FELIZ

PARIS CINEMA

Telefone 6 2230 — R. DOMINGOS SEQUEIRA

O melhor, maior e mais cómodo cinema de reprises da capital

ESPECTÁCULOS TODOS OS DIAS

Matinées às 2.as, 3.as, 5.as, Sábados e Domingos

OS MELHORES FILMES PREÇOS MÓDICOS

Natal e Ano Novo próspero deseja

REX

TELEFONE PBX 2 9656

MATINÉES E SOIRÉES DIÁRIAS

SEMPRE OS MELHORES PROGRAMAS

OS CINEMAS DA BOA PROJECÇÃO

com alta intensidade e écran magnoscópico

CINEARTE

RUA VASCO DA GAMA — Telefone 60 446

EUROPA

RUA ALMEIDA E SOUSA — Telefone 61 016

DESEJAM AO SEU PÚBLICO

BOAS FESTAS e um ANO NOVO FELIZ

CHIADO TERRASSE

Telefone 2 0917 — R. António Maria Cardoso

CUMPRIMENTA OS SEUS ESPECTADORES DESEJANDO-LHES

BOAS FESTAS

prometendo continuar a trazer ao Chiado todos os grandes êxitos cinematográficos

LYS CINEMA

Telefone 4 8560 — AV. ALMIRANTE REIS

O MAIS FREQÜENTADO CINEMA DE REPRISE

Deseja ao seu numeroso público

NATAL FELIZ E UM NOVO ANO CINEMATOGRÁFICO CHEIO DE PROSPERIDADES



DEANNA DURBIN A-pesar-de termos pubicado na capa do n.º 6 um lindo retrato de Deanna Durbin, duas razões poderosas nos levam a publicar êste outro no número do Natal: o facto de Deanna ter ficado em primeiro lugar no Referendum de "Animatógrafo" e o êxito retumbante alcançado pelo seu novo filme "Primeiro Amor de Gata Borralheira", que Filmes Alcântara apresentam agora em Lisboa, no Odéon e no Palácio, e cuja crítica se faz na respectiva secção. A "Noiva do Mundo" merece largamente esta consagração, modesta mas sincera, que os nossos leitores decerto vão sancionar.

Não gostava de ter um filho assim?



BABY DUMPLING

Génio precoce, rebento da «Família Blondie», a impagável familória de que a Aliança-Filmes tem o exclusivo para Portugal

A primeira carta cinéfila de MARIA DA GRAÇA



1 O Director de «Animatógrafo» entrega a Maria da Graça as primeiras cartas cinéfilas, recebidas por intermédio do nosso jornal, logo depois do primeiro número.



2 António Lopes Ribeiro e Santos Mendes, que dirige a publicidade da Lisboa-Filme, preparam-se para assistir ao efeito das palavras do primeiro admirador.



3 E o efeito parece não ser mau, a avaliar pelo sorriso de Maria da Graça. Que seria que êle lhe disse? Mas muito mais coisas lhe dirá, quando a vir em «Pôrto de Abrigo».

...e a primeira bofetada de ÓSCAR DE LEMOS

1 A vítima: VIRGÍNIA SOLER



2



3



As Favoritas da Redacção

COMO não podia deixar de ser, «Animatógrafo» é redigido por cinéfilos, cinéfilos autênticos, que não têm vergonha de o proclamar antes, pelo contrário. E como bons cinéfilos professam, além da sua, uma religião particular, mitologia de Olimpo atravancado, em que as «estrêlas» se deïficam e veneram com exemplar fervor. O culto epistolar do «estrelame» argênteo do cinema é um dos ritos fundamentais dessa mitologia, a que nenhum cinéfilo pode furtar-se sem risco de purgar tremendas penitências. Os nossos redactores, para dar o exemplo, enfileiram entre os mais devotos. É claro que, como são «da casa», usam duma familiaridade invejável... «Animatógrafo» comete a indiscrição de desvendar êsse correio, certo de que isso divertirá os leitores, — e pede perdão às benevolentes destinatárias...









Minha querida Bette:

...sde já te peço mil desculpas pela pu...ção desta carta. Ainda não me esqueci ...tuas recomendações para conservarmos ...lo secreto»... No entanto no «Animatógra... todos iam escrever às favorita e não resisti, ...o fui capaz de calar esta tendência para ...izer a toda a gente... claro... que nós... ...nfim. Mas descança. É evidente que ninguém ...acredita que isto seja verdade e assim nada tens a temer dos repórteres. Além de que, como tu sabes, se acaso algum te aborrecer, é só mandares dizer, que eu arranjo cá uma «cunha» e êle passa um mau bocado. A propósito: já cá me chegaram aos ouvidos aqueles dumas intrigas das tuas amigas, que andam a dizer que eu não sou pessoa importante. Não ligues... Isso deve ser a Rita Hayworth com ciúmes, porque — sabias? — quando se chamava Rita Cansino tinha a mania que eu gostava dela. Sarilhos!...

Recebi o teu anel de cabelo com a penúltima côr que usaste. Agora não te esqueças de mandar as outras porque gosto de ter a colecção em dia.

Aquela passagem do «Nostradamus» a que te referes na tua última carta quere dizer o seguinte: «Fernando Garcia é o homem que te convém». Eu sempre disse que êste «Nostradamus» era um tipo às direitas!

Beijinhos do
FERNANDO

Querida Alice Faye:

Gosto de você porque é bonita e apresenta-se bem e, ainda por cima, porque sempre tive um fácatas especial pelas mulheres imperfeitas. Desde os meus tempos de cinéfilo-menino, sempre procurei imperfeições com a paciência do coleccionador de sêlos que procura defeitos nas emissões, abandonando os exemplares correctos aos colegas sem imaginação. Os homens ou as mulheres sem defeitos são profundamente aborrecidos. Lembram certas melodias bem conhecidas em que o primeiro compasso sugere logo os outros, aparecidos sob a forma de assobio — essa invenção pouco elegante de revelarmos còmodamente os nossos instintos musicais deturpando os trechos célebres.

Você não engana. Foi a «blonde blues singer» do George White's «Scandals». Começou aí a sua carreira cinematográfica. Mas eu sei que, já muito antes, nas filas das coristas, ao som do «jazz» alucinante, naquele momento em que todos os instrumentos se recolhem honestamente à surdina e o piano fica martelando o «refrain» da canção, você procurava com avidez os crâneos lustrosos de certos milionários sentados na platéia...

Aqui fica esta carta, testemunho de que eu tenho, como você, um génio maltrapilho e vagabundo. Ainda não fomos devorados pela colectividade. Caminhamos heroicamente fora do «género perfeito», cujas qualidades morais estão de acôrdo com os sábios preceitos de tôdas os cartilhas de ABC, cartilhas que, na infância, foram compulsadas por todos nós, jornalistas, juizes, negociantes, homens honrados, gatunos, «escrocs», etc...

AUGUSTO FRAGA





Joan

Não podes dizer que não, porque tenho licença do meu director.

...Olhei para o constelado firmamento de Hollywood e não fiz mais cerimónia: apitei-te e touxe-te para o meu convívio.

Sinto-me com isso mais vaidoso do que o Senhor Grilo depois de condecorado.

A culpa foi de certa imagem colorida — a tua cabeça em grande plano — último eco do «Grito de 1938»...

Eras então loira, completamente loira, «como os homens preferem».

Nessa noite adormeci mais tarde.

Passou-se muito tempo, pelo menos tanto tempo que achei muito, até que num belo dia tornaste a aparecer, mas desta vez morena: — a maior loucura dos «Doidos à Solta».

Como estrêla que és seguiste a tua órbita, e eu fiquei a matar saüdades (sabes o que são saüdades...?) — com a Heddy Lamarr.

Agora não apareças ruiva, porque a Hepburn é muito mais inteligente que bonita.

Yours very sincerely
ANTÓNIO CARVALHO NUNES

Minha adorada Jean:

Estranhaste certamente o meu longo ...cio. Não sei como desculpá-lo, nem pr... Poderia dizer-te que o jornal me ocupa e... cupa em cada hora, que os destinos do... masinho da minha terra me levam os di... cabelos... Mas seria injusto para comigo p...prio, e para contigo, pois a saüdade de ti domina e me exalta por sôbre todas as cois... dêste mundo. Não encontro assim explicaçã... mais plausível que a de andarem meus pensamentos de tal maneira prêsos à memória da tua figurinha airosa, dos teus olhos leais, da tua voz onde a alegria e a gravidade encontraram um timbre comum, estranho e inconfundível, que quási me dispensam de escrever-te.

Não te vejo há três semanas, desde que surgiste, luminosa, buliçosa, maliciosa, entre dois galãs que me ralaram os fígados, pois me provaram que podiam ver-te e tocar-te a cada instante. E eu para aqui fiquei, no anseio constante de surpreender nas telas brancas o teu rosto de estrêla e de mulher, sempre abraçada a outros braços, fingindo vida e amor, quando os únicos braços que te merecem são os meus.

Estou hoje, como vês, lamurioso e romântico. Mas eu sei que, por trás da tua aparência forte e desembaraçada de rapariga capaz de guiar uma diligência com três parelhas, de dar tiros e chicotadas, há um coração à maneira dos corações que os portugueses usam e entendem. Porisso creio que me perdoarás.

Teu atrevido adorador
ANTÓNIO LOPES RIBEIRO



Eleanor, my darling

O Nat Pendleton, aquele teu colega e grande amigo meu que há anos conheci aqui em Lisboa, quando êle não pensava ainda no cinema, mandou-me agora um recorte do «Motion Pictures», com uma fotografia feita no concerto do Stokowsky, pelo Charles Rhodes, e os comentários verdadeiramente antipáticos escritos pela Helen Hover a propósito daquele professor da Universidade de Los Angeles que te acompanhava, e de que tu, aliás, me falaste na tua última carta. É claro que eu tenho a mais absoluta confiança em ti, e sei que êle é um «tipo chic». Mas, como supões, gostaria bem que não voltasses a dar motivos a que essa gente impossível, sempre à caça do escândalo, voltasse a falar de ti. Combinado?...

Mas agora reparo. Quando esta chegar ao 727 da Bedford Road, estaremos em pleno Natal. Mas eu, que infelizmente não posso ainda êste ano passá-lo junto de ti, pedi já, encarecidamente, a Santa Claus que não se esquecesse de te entregar uma lembrança minha — a big, very big little kiss.

With all my heart
FÉLIX RIBEIRO

P. S. — Pelo Clipper de hoje, mandei-te uma caixinha com meias pretas. Merry Christmas!

Deanna Dear:

Deanna, caçadora de cinéfilos, permita que me inclua também entre os mais humildes, mas não dos menos dedicados dos seus «caçados».

Mas não se assuste! Não venho solicitá-la em casamento! Além de que, para tanto, já chegaria tarde, visto que o felicíssimo Vaughn Paul teve o bom senso de se antecipar a qualquer outro. Por outro lado, também nunca as aspirações me fizeram subir a tais alturas, ainda mais elevadas do que o gigante maior entre os arranha-céus da sua magnífica pátria... Ditosa pátria que tais filhas tem!... (Filhas como Deanna, é claro!)

Eu sei que o seu dote é verdadeiramente de tentar e vale mais do que a nossa modesta (sob o ponto de vista americano) «Taluda» do Natal... Mas V. tem ainda outro dote mais precioso e, universalmente — sem jôgo de palavras com a firma que a contratou... — mais acessível para nós; a sua graça, o seu talento, a sua radiosa mocidade!

Chamam-lhe, como outrora a Mary Pickford, a «Noiva do Mundo»... Pois sim, seja noiva de todos nós, que a namoramos, gargarejando, da platéia, para a janela luminosa onde V. canta e sorri... Seja a nossa noiva, porque o seu Vaughn ou o seu Paul — ainda não percebi bem qual é o nome próprio do felizardo... — não se zanga, decerto, pois a Deanna pode ser cortejada pelo mundo inteiro, na certeza de que só com um pode casar: pròvàvelmente o citado Vaughn Paul...

Termino. Até à vista Deanna Durbin — porque só à vista de novo filme seu estas terão fim — como se diz na minha terra que V. nunca viu... Bye, Bye, «Nice Girl», *— título que é o do seu novo filme, — mas que podia ser também o da sua biografia...* Bye, bye...

Do sincero, mas inùtilmente, seu

JOSÉ DA NATIVIDADE GASPAR

Querida Ginger

Confesso que não esperava semelhante coisa de ti! A minha confiança ilimitada no teu bom-senso recebeu um golpe rude — mas que delicioso golpe foi êsse! Desde que li a tua carta passei a viver no céu — no sétimo andar do céu — só de pensar que, por minha causa, desmentias o teu firme bom-senso pela vez primeira. E assim a descompostura que me deste pôs-me feliz e orgulhoso como um rei — o que de-certo não entrou nos teus cálculos...

Mas que idéia a tua, querida! Como pudeste supôr que representava uma infidelidade para contigo a admiração que me causou a beleza e a personalidade da Paulette Goddard, a última vez que a vi? Não percebeste que se trajou de uma simples emoção estética? Como me atreveria a falar-te dela, se não fôsse apenas assim? Minha grande, minha linda tonta ciumenta!

Não, eu nunca poderia enamorar-me duma mulher como a Paulette. Eu gosto mas é de ti — da tua alegria saüdável, da tua nitidez tranqüilizadora, da tua vivacidade maliciosa, da tua frescura e simplicidade de flor agreste. O resto são franjas!

Minha rica filha: é preciso que tenhas mais confiança em ti própria, que encares a vida e as contrariedades com um pouco mais de coragem e optimismo. Senão cais no hábito de te arrepelares por tudo e por nada, de chorar por dá cá aquela palha — e fazes-te feia!

(Agora reparo que me pus a ensinar o Padre Nosso ao vigário, pois até hoje eras tu que desempenhavas para comigo a função de «professor de energia». Não leves a mal — e perdôa-me!)

Recados meus para a tua Mãi e para a tua prima — e ponto final nos amuos, ouviu?!

Até ao próximo Clipper! Merry Christmas!

DOMINGOS MASCARENHAS

Uma ilha deserta. O mar azul... Lá muito longe, em zona incerta dos Mares do Sul... Tu e eu — eu e tu, no Paraíso de Honolulu.

Noivado simples, quási pagão! Há sol e flores — a Natureza em festa. Só de ver-te passar, o mar dirá: outra não há que valha esta!

Quando nós dois, sós e felizes, corrermos a praia, de lés a lés, o mar azul, meigo e tranqüilo, virá beijar teus pés.

Na noite morna, Primavera em sombra, tendo por manto ceus estrelados — Deus-Cupido virá tapar a Lua, p'ra que não vejam os namorados.

E se tens mêdo de estar sòzinha, mesmo a meu lado, — não chores, filha...

Porque estudaremos os dois, conscienciosamente, a melhor maneira de povoar a ilha.

Dorothy — queres?...

FERNANDO FRAGOSO





CAROLE LOMBARD

escolheu ela própria estas fotografias

das filmagens de «O OUTRO» (They knew what they wanted) de GARSON KANIN, que a RADIO-FILMES vai apresentar



2

Não deve haver muitas revistas que se possam gabar de ter publicado fotografias como as que honram estas duas páginas de «Animatógrafo». E' que são fotografias escolhidas pela própria Carole Lombard nas colecções da R. K. O., a grande companhia americana para a qual ùltimamente tem trabalhado. Escolha ...ada, como a fotografia número 1 nos ...va, porque Carole quiz-nos oferecer bons documentos.

Todos os estados de alma são possíveis enquanto se filma. Há momentos que parecem ...de férias, momentos como os da foto n.º 2. Há momentos desesperados em que o desalento nos obriga a deitar as mãos à cabeça (n.º 3) quando, depois de horas sem fim de trabalho, é preciso arrancar mais emoções para dar ao público.

Horas de camaradagem quando, num intervalo de duas cenas, se reúnem pessoas cultas e amigas como são Carole Lombard, o grande Charles Lautghon e o realizador Garson Kanin (n.º 4).

Horas de concentração, de atenção, de auxílio, quando se ensaiam os momentos violentos, intensos, peturbantes, que o público exige, mas que o público não sonha quanta energia pedem (n.º 5).

Horas sem vontade em que se ganha vontade, quando dois grandes intérpretes podem descansar uns minutos em qualquer canto do cenário como Lautghon e Carole na fotografia 6.

Quando é um grande realizador como Garson Kanin que dirige grandes actores em excepcionais fitas como «O Outro», há dias de intensa colaboração em que se fazem fotos iguais à n.º 7 em que à volta das miniaturas de cenários se estudam marcações e se erguem momentos que enfeitiçam as plateias.

Outras vezes acontece que, entre pessoas que se prezam de ter personalidade, surgem desiguais pontos de vista. Os nervos andam tensos, cansados de dar «nervo» a momentos fortes, capazes de vibrar ao mínimo sôpro. Todos os momentos que se representam podem viver-se com vidas diferentes. Êle diz que deve ser assim. Ela garante que assim não pode ser. O realizador critica os dois, representa os dois. Mas quê ¿êste realizador está convencido que nos ensina a representar? E você, sr. Laughton, está convencido que sabe mais de representar do que eu? E à sr.ª Carole passa porventura pela cabeça que eu, actor consagrado e festejado em fitas e em palcos, estou à espera do seu conselho? Os espíritos azedam-se, discute-se e chega-se a duvidar da camaradagem, tão cantada e apregoada, dos estúdios... Fazem-se a sério caretas iguaizinhas a estas feitas a brincar (n.º 8).

À camaradagem dos estúdios!

Existe?... Não existe?

Existe sim, firme, segura, camaradagem de todas as horas, capaz de nos apoiar sempre que se vacila. Carole zangou-se e amuou (9). Mas todos acorrem, todos brincam para a animar e amimar, todos garantem que a camaradagem existe. E amanhã pedem-se mútuas desculpas, o trabalho continua e (verdade engraçada) depois das pazes fica tudo mais amigo!

F. G



3



4





6



7



8



9



TYRONE POWER Quando Tyrone apareceu pela primeira vez nos ecrans portugueses, ouve espectadores de ambos os sexos que, por um capricho inexplicável, desataram a embirrar com êle. Embirração injustíssima, diga-se desde já, pois Tyrone é um excelente actor, e um rapaz indiscutivelmente bem parecido, másculo e delicado ao mesmo tempo. É embirração passageira, pois o facto de Tyrone Power figurar agora no primeiro lugar dos actores eleitos pelo nosso Referendum é bem significativo. Aqui têm o prometido retrato do criador de "Jesse James", que está contratado pela 20 th. Century-Fox.

AS BOAS-FESTAS DOS CINEMAS

A EMPREZA DOS CINEMAS
SÃO JOÃO e ÁGUIA D'OURO

Saúda o Público Português
e em especial o Público do Pôrto

desejando-lhes um **Feliz Natal** e um **Novo Ano** cheio de felicidades — e de ótimos filmes, como os que vai ter a honra de lhes apresentar em 1941.

A EMPREZA DOS CINEMAS

TRINDADE
E
CARLOS ALBERTO

deseja aos Cinéfilos Portugueses um NATAL e um ANO BOM tão felizes como a sua programação habitual.

BATALHA

O Cinema das velhas tradições

deseja aos seus freqüentadores, ao seu PÚBLICO fiel,

FESTAS FELIZES
e UM ANO FELICÍSSIMO

A Empreza do

OLYMPIA

(do Pôrto)

faz votos para que todos os Amigos do Cinema tenham um NATAL e um ANO BOM dos mais ditosos

---

RIVOLI

A Empreza do maior Cinema do Pôrto aproveita o NATAL para saüdar o Público portuense e todos os Cinéfilos portugueses, fazendo votos por um ANO FELIZ.

IMPERIAL

Telefone 4 5933 — R. FRANCISCO SANCHES

O melhor cinema do seu bairro anuncia uma colossal programação para o próximo ano e deseja ao seu público e aos seus amigos

FESTAS FELIZES

CINEMA
RESTAURADORES

Espectáculos todas as noites. Matinées às 2.as, 5.as, 6.as, sábados, domingos e feriados. Sempre sessões permanentes.

Deseja ao seu público amigo

BOAS FESTAS

CINE TEATRO BARREIRENSE

BARREIRO

Que exibe na margem esquerda do Tejo todos os bons filmes, deseja
NATAL E ANO NOVO
muito felizes aos seus
ESPECTADORES

OLYMPIA

RUA DOS CONDES — Telefone 2 5309

O MAIS POPULAR CINEMA DA CAPITAL
DESEJA
BOAS FESTAS
AOS SEUS FREQÜENTADORES

CINE ORIENTE

AVENIDA GENERAL ROÇADAS

Exibe as melhores fitas aos mais baratos preços e deseja

BOAS FESTAS

aos seus clientes e amigos

PORTUGAL

Tel. 81 124 — Travessa da Memória — BELÉM

O cinema que apresenta os melhores programas, na parte ocidental da cidade, onde são exibidas tôdas as grandes produções em espectáculos tôdas as noites e matinées aos domingos e feriados, deseja aos seus clientes

FESTAS FELIZES

MAX CINE

RUA BARÃO SABROSA — Telefone 4 6302

CINEMA QUE EXIBE TODAS AS GRANDES FITAS DESEJA AO SEU PÚBLICO UM
NATAL FELIZ E UM ANO NOVO
MUITO PRÓSPERO

PALATINO

RUA FILINTO ELISIO — Telefone 81 099

O maior cinema de reprises da parte ocidental de Lisboa

PREÇOS POPULARES

ESPECTÁCULOS TODOS OS DIAS
Matinées às 5.as, Sábados e Domingos
O CINEMA DOS GRANDES EXITOS
Deseja Festas e Ano Novo muito felizes

STADIUM

O cinema do «Sport Algés e Dafundo»

A melhor casa de espectáculos da linha de Cascais que só apresenta programas seleccionados, em espectáculos às 4.as, 6.as e domingos, deseja a todos os seus freqüentadores

Natal Feliz e Ano Novo muito próspero

A SPAC recorda o que disse a crítica àcêrca do filme "FEITIÇO DO IMPERIO"

... O mais perfeito e o mais belo filme português. «Feitiço do Império» é uma obra de nobre categoria artística e invulgar expressão cinematográfica.
... acompanhamento musical que merece aplausos entusiásticos, porque é primoroso.

«Diário da Manhã»

■

... É, de facto, um perfeito e belo filme saído dos nossos estúdios e as palmas que, no final, premiaram êste trabalho envolviam as qualidades cinematográficas de tôda a fita e a sua intenção bem marcadamente patriótica.
... É uma história, ora risonha, ora emocionante, que interessa, que desperta curiosidade.
... O espectador, que vibra, que se emociona, aqui e ali, ri, também, com a graça e o poder intenso de alguns episódios desenhados no feitio popular...
... «Feitiço do Império» acusa a marca americana, ou, se assim o quiserem, a marca do bom cinema.
... Que beleza, que encanto o de certas imagens que parecem conter todo o feitiço tropical do nosso continente africano!
... «Ribeirinho», estupendo, numa figura de bom recorte cómico.

«O Século»

■

... algumas lindas coisas da nossa África — paisagens, costumes, caçadas. Deve também acrescentar-se que é, cinematogràficamente, uma obra feliz e exacta, tècnicamente excelente e dentro da nossa produção merecedora pela sua qualidade de lugar muito excepcional. O realizador António Lopes Ribeiro, que em obras anteriores fixara já uma posição de muito relêvo entre os cineastas portugueses e nos dera com «A Revolução de Maio» um excelente filme de propaganda nacional, rodeou-se de um excelente conjunto de colaboradores, entre os quais é justo citar os nomes de António Soares, que se encarregou das decorações e merece os entusiásticos aplausos que cabem também a Pedro de Freitas Branco, Wenceslau Pinto e Jaime Silva, Filho, na parte musical; engenheiro Brito Aranha, director de som; e Goldberger e Manuel Luiz Vieira pelo seu trabalho de fotografia muito agradável.

«Diário de Notícias»

■

António Lopes Ribeiro utilizou o argumento, valorizando-o com inteligência, com espírito desempoeirado, com boa graça, através duma acertada selecção da nossa África, da Guiné à Costa Oriental, da beleza natural, dos costumes indígenas, dos seus bailados e batuques, das caçadas...
Soube ainda António Lopes Ribeiro escolher os intérpretes do filme: Alves da Cunha, uma revelação como artista de cinema, sóbrio e com perfeita dicção; Estevão Amarante, que foi à África e ali estudou e compôs um bom tipo de colono, admirável de verdade; António Silva, sempre natural no seu processo cómico; Francisco Ribeiro, graciosíssimo num tipo lisboeta bem observado; Emília de Oliveira e Amélia Pereira, ambas dentro da sua categoria de excelentes actrizes; Alfredo Ruas, que descreveu bem a insurreição dos «papéis»...
Nos protagonistas, Luiz de Campos, sempre correcto, honesto na representação e arrojado a cavalo e na caça, e Isabela Tovar, uma menina da melhor sociedade de Luanda, desportista, familiarizada com a vida de África ao ar livre.
A fotografia de Isy Goldberger e de Manuel Luiz Vieira, é boa, com luz africana a jorros...
Decorações cénicas de bom gôsto, de António Soares.
Wenceslau Pinto foi particularmente feliz no fundo musical que compôs para o filme, bem como Jaime Silva, Filho, num «slow-fox», e Pedro de Freitas Branco na direcção.

«Diário de Lisboa».

■

A parte cinematográfica — é a resultante natural do que já conhecemos de quem fez «Gado Bravo» e «A Revolução de Maio». Para isso António Lopes Ribeiro escolheu uma excelente equipa de colaboradores e um apreciável elenco de intérpretes.

«República»

■

Obra de arte militante, e lição magistral, de virtudes heróicas, — o Feitiço do Império» ultrapassa o domínio estético e impõe-se como inestimável serviço consagrado à Pátria e ao seu prolongamento no espaço e nas idades passadas e por vir.

«A Voz»

■

... António Soares foi felicíssimo nos «décors».
... É uma história, ora risonha, ora emocionante, que interessa e dentro da qual dificilmente se poderia «encaixar» melhor a referência a tudo o que representa esfôrço dos nossos colonos e ao amor que êles têm a essa terra onde construiram um novo lar e tornaram eternamente portuguesa.
... um filme de exaltação patriótica, indo ao encontro do gôsto do público, que há-de emocionar-se, aqui, com as cenas da caçada ou rir, ali, com certos episódios desenhados no feitio cómico, que nunca tomam o aspecto de teatro de revista...
... Ribeirinho é o grande «achado» cómico do filme e Luiz de Campos, no galã, vai muito bem.

«Século Ilustrado»

■

... o nosso melhor realizador de cinema acaba de apresentar, com «Feitiço do Império», o primeiro filme português que dispensa os favores da crítica.
... Acima de tudo, porque produziu um espectáculo cinematográfico na verdadeira acepção das palavras, um filme que podia ser incluído na produção média dos países — que são dois: Estados Unidos e Inglaterra — onde se faz e se sabe fazer cinema.

«Primeiro de Maio»

■

Sem frases de retórica, sem propósitos aparentes de propaganda, o realizador vai direito à finalidade que se propôs: mostrar-nos a atracção inata, que magnetiza mesmo os espíritos indiferentes e os induz inconscientemente a quererem e a amar as coisas pátrias.
Tècnicamente a película é excelente...
... Não é necessário apelar para o patriotismo do espectador para o induzir a ver êste filme...

«Diário do Minho»

■

O argumento é interessante, a interpretação das melhores e algumas cenas são primorosíssimas. Cinema do autêntico, interpretação admirável, digna das boas referências dos melhores críticos estrangeiros...

«Os Sports»

■

... O entrecho empolga.
... Há imagens que ficam para sempre na memória, que nunca mais esquecem.

«Jornal de Notícias»

■

Positivamente, o cinema português deu, agora mais do que nunca, o seu mais seguro, definitivo e dilatado passo...
... múltiplos, preciosos e notáveis são os aspectos de interêsse dêste fonofilme que, distraindo-nos admiràvelmente, nos fala à nossa alma de lusitanos — e põe, ante os nossos olhos maravilhados, tôda a beleza e grandeza da nossa África, que ali passa em imagens formidáveis...

«Comércio do Pôrto»

TÍTULOS ILUSTRADOS



«FEITIÇO DO IMPERIO»



—— O novo ano vai ser fértil em novas produções. Nos estúdios, a actividade é grande e há já as seguintes «fitas na forja»:

—— **When will they marry?**, com Mary Faul e Oliver Martin. Realização de Aunt Germaine. Produção Castilho Street.

—— **First Love**, com Mad De Sotto e Joe Amarus e outros artistas. Realização de Louis Palm-Eyrin. Produção Mayer's Park.

—— **The Big Hunt of the Five Hundred Clowns**. Produção e realização de Anther Far. Distribuição (em escudos) da Aliança Filme.

—— **Hortaliça's Beauty**. Produção de grande espectáculo realizada por Adolph Rabbit para a Figtree Market.

—— **The Cabbage Catterpiller**, filme muito científico, também realizado por Adolph Rabbit para a mesma firma.

—— **Three smart girls grows up.** Nova versão, com as três esperanças do cinema: Corinne Frére, Mary Bernard e Mary Emm. Produção da «Nally». Distribuição Ao-Domicílio.

—— **The Descovery of Brazil**. Produção de grande alcance realizada por Sheank of Gracie. Protagonista: Beatrice Coast e grandes massas. Distribuição: É-o-Distribuis.

O HOMEM SOMBRA

NOTÍCIAS DE HOLLYWOOD

FRED ASTAIRE e GINGER ROGERS «JUNTOS OUTRA VEZ». KANIN dirige

Fred Astaire e Ginger Rogers, desde que pela primeira vez apareceram juntos num «écran», quando dançaram a envolvente carioca de «Voando para o Rio» — que correu mundo celebrizando dois bailarinos notáveis com que o cinema passaria a ter que contar — não mais deixaram de ser alvo da admiração e do entusiasmo dos freqüentadores do cinema. A sua carreira foi longa e triunfal. Os seus filmes eram esperados com extraordinário interêsse.

Um dia porém, a companhia a que ambos pertenciam — a RKO — convenceu-se que havia conveniência em acabar com a associação famosa. E o «team» incomparável desfez-se.

Ginger Rogers abandonou os braços amigos de Fred para cair nos de James Stewart em «Casamento em Segrêdo», de Tim Holt em «Rapariga da 5.ª Avenida», de David Niven em «Mãesinha à Fôrça» e, recentemente, nos de Joel Mac Crea em «Sombras da Rua».

Fred Astaire por sua vez fêz para a Metro Goldwyn Mayer «Parada Maravilhosa de 1940» ao lado da encantadora Eleanor Powell, para a Paramount «Second Chorus» com Paulette Goddard e há pouco terminou «Special Delivery» da Universal, com a nova vedeta de 11 anos, Gloria Jean, que Filmes Alcântara vão apresentar brevemente ao público português em «Traquina Querida».

Mas a verdade é que o público não esqueceu o par extraordinário, que o deliciou em tantos filmes. E como conseqüência imediata disso está o facto da RKO ir de novo juntá-los num mesmo filme, em que a música e a dança se encontram em primeiro plano. O filme tem um título bastante significativo: **Together Again** (Juntos de Novo) e é dirigido por Garson Kanin, um nome que é uma segura garantia.

FRITZ LANG americaniza-se de vez: vai dirigir um «Western»

Fritz Lang foi para os Estados Unidos pouco tempo depois da realização do seu discutido «Liliom», tão cheio de belas e inteligentes coisas, e ali dirigiu «Furia» e «Só vivemos uma vez», dois filmes dignos do nome que assinou obras como «Matou» e o «O Testamento do Dr. Mabuse», e nos quais fàcilmente se reconhecia o estilo europeu do seu realizador.

No entanto Fritz Lang parece estar agora, sob o ponto de vista cinematográfico, bem entendido, completamente americanizado, como o demonstra francamente o seu mais recente filme, «O Regresso de Frank James».

E essa mudança radical nos seus processos é tal que a Fox lhe confiou a realização dum outro filme de carácter tipicamente americano, cuja acção decorre em pleno Oeste, e nos traça as aventuras e o esfôrço dispendido pelos pioneiros que traçaram e construiram o caminho de ferro que viria a servir aquelas inhóspitas regiões.

O filme intitula-se «Western Union», feito segundo um argumento de Zane Grey, o escritor americano que se especializou nas histórias do Oeste, e é interpretado por Robert Young, Randolph Scott, Dean Jagger, Brenda Joyce, Laird Greggar, John Carradine, Slim Summerville, Minor Watson e Chill Wills.

FITAS NA FORJA

- **She Couldn't Say No**, com Roger Prior, Eve Arden, Cliff Edwards, Clem Bevans, Vera Lewis, Irving Bacon e Spencer Charters. Dirigido por William Clemans. Warner Bros. (S. I. F.).
- **Wild Man of Borneo**, com Frank Morgan, Billie Burke, Donald Meeck, June Preisser, Marjorie Main, Mary Howard, Dan Daily Jr., Walter Catlett. Realização de Robert Sinclair. Metro Goldwyn Mayer.
- **Reaching for the Sun**, com Joel Mac Crea, Ellen Drew, Eddie Bracken, Albert Dekker, Charles Coburn e Billy Gilbert. Direcção de William A. Wellman. Paramount.
- **The Invisible Woman**, com John Barrymore, John Howard, Virginia Bruce, Charles Ruggles, Oscar Homolka, Mary Gordon, Charles Lane, Anne Nagel, Kathryn Adams, Maria Montez, Kay Leslie. Realização de A. Edward Sutherland. Universal. (Filmes Alcântara).
- **Under Texas Stars**, com Tex Ritter, Virginia Carpenter, Slim Andrews, Stanford Jolley, Jack Rutheford, Cal Shrum e os seus Rhytm Rangers. Dirigida por Al Herman. Monogram. (Filmes Luiz Machado).

O novo filme de



JAMES CAGNEY

O filme que James Cagney, uma das mais curiosas figuras de actor do cinema americano, acaba de concluir para a Warner Bros, intitula-se **City for Conquest** e foi dirigido por Anatole Litvac.

Neste seu novo filme cuja acção decorre nos curiosos meios do box, com as suas rivalidades e as suas intrigas, tem Cagney por parceiros Ann Sheridan, a famosa «oomph-girl», das mais belas raparigas com que conta o cinema do lado de lá do Atlantico; o espirituoso Frank Mac Hugh, indispensável elemento dos filmes da Warner; Anthony Quinn, que faz o «bad-man» do filme e o veterano Donald Crisp, cuja actuação no cinema é freqüentemente dividida pela interpretação e pela direcção cinematográfica.

O elenco da R. K. O. 1941

Depois da Warner Bros. e da Paramount, satisfazemos hoje a curiosidade dos nossos leitores relativamente aos elementos que compõem o elenco da R. K. O. — Radio Films, tanto pelo que se refere aos seus artistas, como aos seus realizadores.

Nos estúdios de R. K. O., a companhia mais nova de cinema americano, subsidiária dêsse potentado famoso que é a Radio Corporation of América, trabalham os seguintes artistas que com ela mantêm contratos exclusivos:

Carole Lombard, Charles Laughton, William Gargan, Frank Fay, Lucille Ball, Ann Miller, Richard Carlson, Jack Oakie, Frances Langford, Kay Francis, Dezi Arnaz e Dennis Morgan, dois novos galãs, Anna Neagle, Ginger Rogers, George Bancroft, Cary Grant, Orson Wells, o homem que se tornou famoso com a sua rádio-reportagem sôbre a invasão das Américas pelos habitantes do planeta Marte, e que é ao mesmo tempo um dos realizadores do quadro daquela emprêsa, Ernest Cossart, Eduardo Cianelli, Harold Lloyd, Kay Kaiser, célebre chefe de orquestra de jazz, Anne Shirley, Richard Dix, Edmund Lowe, Wendy Barrie, Kent Taylor, Lupe Velez, Leon Erroll, Ronald Colman, Jean Hersholt, Maureen O'Hara, Alan Mowbray, Gene Raymond, o platinado esposo de Jeanette Mac Donald, Hugh Herbert, Anita Louise, Buster Keaton, Billy Gilbert, Tim Holt, Joan Carroll, Elsa Lanchester, a mulher de Laughton, Charles Winninger, Edgar Kennedy, Patric Knowles, James Ellison, o «cowboy» Ray Whithey, Signe Hasso, a nova descoberta sueca, e Michèle Morgan, a simpática e insinuante francesinha que Lisboa bem conhece.

Além dêstes nomes a R. K. O. tem ainda contratados para aparecerem em alguns filmes, e cedidos por outras companhias, Charles Boyer, Jean Arthur e Robert Montgomery.

Garson Kanin, George Abbott, David Butler, Norman Mac Leod, Sam Wood, Herbert Wilcox, Alfred Hitchcock, Edward Cline, John Farrow, o marido de Maureen O'Sullivan, Lewis Milestone, Leslie Goodwins, Irving Reis, um nome português, Anatole Litvak, William Hawks, são os realizadores dos filmes de R. K. O. Radio.

E' esta emprêsa, também, quem distribui tôda a produção de Walt Disney.

Wallace Beery em «The Bad Man»

Wallace Beery, ausente há algum tempo das telas portuguesas, mas de quem esta época deverão ser apresentados «O Tiro de 20 Mulas» e «O Homem de Dakota», está agora interpretando para a Metro Goldwyn Mayer um novo filme que se intitula **Bad Man of Wyoming**. Nele viverá a figura dum bandoleiro cuja quadrilha espalha o terror no estado de Wyoming.

Dêste filme foi feita já há cêrca de dezassete anos para a First National uma primeira versão com o actor do teatro Holbrook Blynn na personagem que Wallace Beery desta vez encarna.

HENRY FONDA contracena com BARBARA STANWICK

Henry Fonda, o extraordinário actor americano que o cinema roubou definitivamente ao teatro e que há poucas semanas vimos no filme «O Regresso de Frank James», em que vivia magistralmente a figura vingadora do irmão de Jesse James, está agora interpretando um novo filme para a Paramount.

Intitula-se «The Lady Eve» e a seu lado aparece Barbara Stanwick, a belíssima espôsa de Robert Taylor.

Nesse filme, que Preston Sturges está dirigindo, aparecem ainda Charles Coburn, Eugene Pallette, William Demarest, Eric Blore, Robert Greig, Martha O'Driscoll e Janet Beecher.

A FEIRA DAS FITAS

QUADRO DE HONRA

Nos filmes exibidos em Lisboa na última semana, filmes que se enumeram por ordem alfabética, os críticos de «ANIMATÓGRAFO» chamam a atenção do público para o que nêles merece atenção especial.

«AS AVENTURAS DE ROBIN DOS BOSQUES» (S. I. F.).

— O colorido de NATHALIE KALMUS.

— A animação e a intensidade da encenação de MICHAEL CURTIZ.

— A criação de ERROL FLYNN (Robin dos Bosques), em nada inferior, à de Douglas Fairbanks na versão muda de «Robin Hood», e até menos convencional e artificiosa.

— A figuração, pela forma como põe à prova as suas admiráveis qualidades desportivas e eqüestres.

«EXPIAÇÃO SEM CRIME» (M. G. M.).

— A encenação vigorosa e cuidada de H. C. POTTER.

— A interpretação de EDWARD G. ROBINSON (John Harrington) e GENE LOCKHART (Ramey).

— Os bons momentos da fotografia de CLYDE DE VINNA.

«PRIMEIRO AMOR DE GATA BORRALHEIRA» (Filmes Alcântara).

— A forma como BRUCE MANNING e LIONEL HAUSER modernizaram a história da «Gata Borralheira».

— A delicadeza, a frescura e o movimento da encenação de HENRY KOSTER.

— A seqüência do baile e, em particular, a escolta de motociclistas e a desaparição dos pares que rodeiam Connie e o jovem Drake.

— A conservação, ao sexto filme duma série exaustiva, de tôdas as qualidades que fizeram o êxito do primeiro, por DEANNA DURBIN (Connie Harding), HENRY KOSTER (o encenador) e JOE PASTERNAK (o produtor).

— A mocidade autêntica de ROBERT SPACK (Ted Drake) e de HELEN PARRISH (Barbara Clinton).

«UM NOIVO PARA TRÊS» (Paramount).

— A beleza de MADELEINE CARROLL, a graça da pequenina actriz que faz de sua filha adoptiva e o «ar» desprendido e simultaneamente enérgico que FRED MAC MURRAY imprime à sua personagem.

«AS AVENTURAS DE ROBIN DOS BOSQUES»

(The adventures of Robin Hood)

Se há livros que valem pela encadernação, também há folhetins que se impõem pela apresentação. E o caso das «Aventuras de Robin dos Bosques», folhetim de aventuras, impresso a côres em papel «couché», muito bonito, muito luxuoso, muito bem realizado — mas inverosímil, ingénuo e falso, como deve ser um bom e apaixonante folhetim de aventuras...

Lembro-me que um cronista inglês, Artur Vesselo, salvo êrro, disse em tempos que o cinema realizava sob certos aspéctos uma obra de deturpação da verdade histórica com a romantização do banditismo ou a deformação moral de certas figuras para melhor êxito das bilheteiras. E dava alguns exemplos, como o caso de Jean Lafitte e a figura de Andrew Jackson, acrescentando que se devia pôr um freio para evitar a divulgação de falsas noções e de êrros grosseiros no julgamento dos homens ou dos factos de determinadas épocas. Numa palavra, o cronista queria que a imaginação dos argumentistas tivesse como limite a verdade histórica.

Pela parte que me toca, não sou tão rigorista. Das duas, uma. Ou o filme é obra séria e se apresenta como crónica fiel de factos e personagens, sem auxílio da imaginação — ou não passa de simples espectáculo de diversão, película de aventuras, bordada em tôrno de lendas que as tradições escritas e orais, conservam, prolongam e desenvolvem através dos tempos. Neste último caso, a imaginação até é aconselhável e quanto mais à sôlta melhor.

A existência de sir Robin de Locksley é um mito, como a de Fra Diavolo ou de Dick Turpin. Todas as liberdades podem, pois, ser tomadas com respeito a essa personagem lendária. Que importa, portanto, a verdade histórica quando «As aventuras de Robin dos Bosques» se nos apresentam, apenas, como uma fantasia romântica, em côres, sôbre uma fase da história da Inglaterra? É uma história bonita que tem o sabor das epopeias, lição de entusiasmo que exalta o heroismo e glorifica o amor. É um espectáculo grandioso, deslumbrante, cheio de passagens fortes, e dirigido, num andamento rápido, apaixonante (Michael Kurtiz é um mestre formidável!), que não cansa um momento sequer. Tem cenas espantosamente bem realizadas, como a do duelo à espada, no final, e tudo o resto está tão bem feito e é tão agradável à vista que a gente não tem tempo de pensar — porque logo se emociona nas primeiras imagens. Olivia de Havilland, por exemplo, passeia o seu rosto encantador entre quadros de admirável tecnicolorido (e resistem ao confronto mais exigente com outras obras muito mais recentes!) e veste lindas indumentárias de caprichoso colorido que parecem ter sido concebidos para pôr à prova a habilidade e a competência de Nathalie Kalmus, a directora das filmagens a côres.

Em todo o filme, o dinamismo e a simpatia de Errol Flynn conquistam o público, dando à figura do famoso bandoleiro criação incomparàvelmente melhor à composição um pouco caricatural e desageitada de Douglas Fairbanks nos velhos tempos do cinema silencioso. O simpático actor (que muito antes de entrar para o cinema levou vida agitada de aventureiro) incarna admiràvelmente a figura de Robin dos Bosques, sir Robin de Locksley, fiel a Ricardo Coração de Leão, inimigo resoluto e atrevido do príncipe João, mais tarde rei e celebrizado João-Sem-Terra.

Falámos, acima, em verdadeira história. Sempre queremos dizer a propósito que uma das personagens mais atraiçoadas foi a do rei Ricardo, de quem sempre se disse que fôra «mau filho, mau irmão, mau marido e mau rei». Pois o filme dá-nos o retrato de um rei justo e bom, quando na verdade era violento, despótico, insolente e cruel, digno irmão do seu sucessor. E a história que nos diz que, se eram pesadas as contribuïções destinadas ao resgate do rei prisioneiro e que o príncipe João queria apossar-se do trôno, sendo nisso impedido pelo povo, a verdade é que o primeiro acto de Ricardo, ao tomar de novo a direcção do reino, foi decretar novos e pesados tributos, correspondendo dêsse modo, ingratamente, à lealdade ingénua dos seus súbditos.

O «cast» é dos maiores e melhores que temos visto. Claude Rains, pequeno de estatura, mas sempre grande no relêvo que imprime ao papel do príncipe João a cujo lado vivem dois antipáticos intrigantes na pessoa de Basil Rathbone (sir Guy de Gisbourne) e de Melville Cooper («sheriff» de Nottingham), Ian Hunter é o rei que mais convinha ao «clima» da película em que surgem, ainda, Una O'Connor, Alan Hale, Eugène Pallette, Herbert Mundin, Patrick Knowles, além de outras figuras secundárias — decerto, muitos «cow-boys» que emprestam ao filme notável concurso como já haviam valorizado, por exemplo, «A carga da Brigada Ligeira»... — A. F.

«EXPIAÇÃO SEM CRIME»

(Blackmail)

Estavamos a ver êste filme e a lembrar-mo-nos do «Eu sou um evadido», exibido na mesma tela há seis anos. E essa recordação patenteou-nos duma forma flagrante a grande melhoria da produção cinematográfica, nos últimos tempos. Expliquemo-nos.

I am a fugitive from a chain gang — primeira grande realização de Mervin Le Roy, o actual produtor da M. G. M. — era a adaptação cinematográfica do livro do mesmo nome, libelo auto-biográfico do sr. Robert E. Burns contra certas anomalias da justiça americana e contra as abracadabrantes penitenciárias dalguns Estados da União — da Georgia, no caso concreto — anomalias e penitenciárias de que fôra vítima inocente. Conseguida a sua rehabilitação, êsse pobre sr. Burns, que vive actualmente algures nos Estados Unidos, quiz que o seu triste caso tivesse ao menos um fim útil — e escreveu o panfleto revelador. O êxito e a indignação foram tais que depressa a Warner fez um filme dêsse caso autêntico — um filme quo ilustrou dois nomes: o de Le Roy, e o de Muni, que interpretava o protagonista.

A avaliar por *Blackmail*, o mesmo mal continua, pois o seu tema é absolutamente idêntico, em especial no tocante ao presídio, de que êste filme nos dá imagens inteiramente semelhantes às do «Eu sou um evadido».

O que escrevemos acima sôbre a impressão de melhoria da produção cinematográfica provocada pela comparação dos dois filmes, não significa que consideremos «Expiação sem crimes» superior ao *I am a fugitive*, que era uma obra de mais vastas proporções e ainda mais terrivelmente impressionante. Queríamos apenas fazer notar o seguinte: em 1934, um filme como o «Eu sou um evadido» era considerado, e muito justamente, aliás, uma obra excepcional; em 1940, um filme idêntico, com qualidades semelhantes e de nível quási equivalente, é considerado uma obra corrente. A conclusão só pode ser a que nós ditámos.

Debaixo de todos os pontos de vista «Expiação sem crime» é uma película cheia de valor — o que atrás ficou dito deixava-o já a entender, aliás. Merecem destacar-se no entanto a encenação acertada e vigorosa de H. C. Potter e o carácter de veracidade de certas cenas (os incêndios nos poços de petróleo, os episódios no presídio, etc.); a interpretação de Edward G. Robinson e de Gene Lockhart (que compõe um novo tipo de poltrão sem escrúpulos, tão bom ou melhor do que aquele em que se fez notar no «O fugitivo desceu à cidade»); e a fotografia de Clyde de Vinna, mestre de exteriores que também sabe iluminar um interior. O principal papel feminino foi entregue à linda Ruth Hussey; a forma como o desempenhou deve ter contribuido para a sua rápida ascenção no céu de Hollywood. O pequeno Bobs Watson, que admirámos no «Homens de Amanhã», volta a dar nas vistas e a enternecer os corações.

Excelentes os dois complementos: «A Fôrça do Destino», comédia musical, e um *short* realizado por Jacques Tourneur, da série «O que pensam os senhores?». — D. M.

«PRIMEIRO AMOR DE GATA BORRALHEIRA»

(First Love)

Caso pasmoso, êste de Deanna Durbin, entre os mais pasmosos do cinema! Decididamente, aquela menina (e nunca a dôce palavra portuguesa «menina» teve mais justa aplicação) nasceu num fole! Quantas se gabam de ter o seu talento, precoce sem quizília? Quantas se gabam de possuir voz tão límpida, temperamento tão musical? E quantas se gabam — esta é que é a sorte das sortes! — de ver êsse talento, e essa voz, e todo o seu tesoiro de juventude, aproveitado em cheio em cada filme duma série que já vai (para contar sòmente os filmes já apresentados entre nós) no sexto escalão?

Esta é, quanto a nós a grande glória de Deanna, e de Henry Koster, e de Joe Pasternak, e da Universal. Porque, para aqueles para quem o cinema é alguma coisa mais que «uma cadeira entre a mesa e a cama» (servindo-me do espirituosíssimo aforismo de Garcia Viñolas), o êxito permanente de Deanna não pode dissociar-se do seu realizador, do seu produtor e da firma que teve a mão bastante feliz para os reünir a todos, numa espécie de sociedade de responsabilidade ilimitada que, em quatro anos de exploração sistemática, nunca esteve tão próspera nem tão famosa.

Êsse raríssimo exemplo de seriação inteligente, em que as necessidades comerciais não brigam com os deveres artísticos, merece excepcional relêvo. Muitas outras «revelações» da

TÍTULOS ILUSTRADOS



«EXPIAÇÃO SEM CRIME»

cinematografia têm sido vilmente sacrificadas ao critério mesquinho de julgar que basta um só elemento, popularizado por um êxito bombástico e quantas vezes imprevisto, para garantir a vitória de tôda uma série de filmes decalcados uns nos outros. O clássico exemplo do pobre Jackie Coogan, «lançado» pelo «Garoto de Charlot», deveria ter servido de lição aos produtores e ao público. Mas isso sim!... Não houve, depois dêle, menina calixta, casal bailarino, família Pipocas, par invisível, matrimónio detectivesco, polícia chinês ou médico lunático que não proliferasse em reedições cada vez piores (por serem cada vez mais descuidadas), a ponto de injectar no espectador mundial um desgôsto infeccioso pelos estereotipos dêsse jaez.

O terceto Pasternak-Koster-Deanna associado a um outro nome que convém não esquecer e que é o do cenarista Bruce Manning, realiza o milagre de se renovar em cada nova produção de seu fabrico, sem alienar nenhum dos elementos de êxito que asseguraram os triunfos anteriores. E faz mais: adapta-se prodigiosamente ao crescimento da protagonista, celebrizada na idade mais ingrata, para qualquer mulher e, muito principalmente, para uma actriz. Em vez de a fazerem contracenar, como a outras, com matulões e com vèlhada, de a vestirem curto e de a calçarem raso, para tentar camuflar tão cavilosa como inùtilmente o rolar implacável da idade preferem adaptar os argumentos tos dos seus filmes, aceitando a evolução natural dum corpo e dum espírito. Chegaram mesmo ao ponto de afrontar a própria opinião pública americana, que verberou, num plebiscito impressionante, a ideia de colar dois lábios de homem nos lábios virginais da menina intangível, e, ofereceram ao mundo, atrevidamente, êste «Primeiro Amor» que acabamos de ver

Com que gentil galhardia, com que fina sensibilidade o fizeram podem avaliá-lo todos os que virem o filme, que corre agora em Lisboa entre merecidíssimos aplausos, que pressagiam uma carreira muito brilhante.

Bruce Manning, de colaboração com Lionel Hauser, conseguiu actualizar, sem esfôrço aparente, nem sombra de ridículo, a historieta velha e relha da «Gata Borralheira». E levaram-na até requintes de paralelismo virtualmente impossíveis de manter como os pormenores do coche puxado a três parelhas (agora substituido por uma escolta de seis polícias em motocicleta) e do chasim perdido à saída do baile na hora fatídica da meia-noite, conservados na versão 1940 tão *naturalmente* como no texto seiscentista de Perrault.

Todo o filme é animado por aquêle movimento cinematográfico, aquêle «tempo» vertiginoso (mas nunca precipitado, nem confuso), que distingue tôdas as realizações de Henry Koster O sr. Hermann Kosterlitz que assim se chamava, nos tempos obscuros da UFA), não perdeu nada com a travessia do Atlântico, não senhor. E as canções *obrigatórias*, além da voz celestial de Deanna as tornar sempre benvidas, continuam a ocorrer tão oportuna e tão fàcilmente, que até dá gôsto ouvi-las numa comédia que contém todos os requisitos de interêsse e de graça para as dispensar.

Deanna Durbin — nem vale a pena comentá-la. O seu nome basta-se a si próprio, e está acima dos adjectivos com que poderíamos sobrecarregá-lo. O «príncipe encantador» a quem coube a honra invejável de a beijar pela primeira vez, Robert Spack, tem a surpreendente qualidade de ser jovem de verdade, sem ser intragável, muito pelo contrário. (Dizemos isto porque só conhecemos galãs apresentáveis dos trinta e cinco anos para cima). Helen Parrish consegue não desaparecer ao lado de Deanna, antes impôr-se no seu papel com muita personalidade e sem sacrificar mocidade ou beleza em holocausto à «prima donna». Eugene Paulette, sempre excelente, num papel muito bem achado: o golpe de estado familiar tem qualquer coisa de épico, e põe a sala em transe de hilariedade irresistível. Leatrice Joy, ainda bonita demais para uma personagem à maneira das que celebrizou a falecida Alice Brady defende-se ou, antes, *ataca-se* o melhor que pode... E todos os mais (Lewis Howard, no preguiçoso, Kathleen Howard, na professora, Frank Jenks, no polícia, Charles Coleman, no criado grave, etc.), contribuem para uma afinação de desempenho comparável à afinação da voz de Deanna, que canta Strauss, Puccini, a «Amapola» e «Home, sweet home».

Uma chamada especial, para o Quadro de Honra, à ideia estupenda de fazer desaparecer os pares que rodeiam, no baile, o parzinho enamorado, para significar o alheamento de ambos a tudo o que os rodeava, artifício que se prolongou corajosamente e com o melhor efeito.

Mas quere-nos parecer que, na sala, havia quem preguntasse:

— Para onde teriam ido os outros convidados?...

Se é que não atribuiram o fenómeno a deficiência de realização. — *A. L. R.*

TÍTULOS ILUSTRADOS



«Primeiro amor de Gata Borralheira»

«UM NOIVO PARA TRÊS NOIVAS»

(Honeymoon in Bali)

A produção anual de centenas de fitas ensinou os americanos a trabalhar com extraordinário «à vontade» dentro de cada um dos géneros mais típicos dos muitos que criaram. Com uma facilidade impressionante agarram em dois ou três bons intérpretes, um grupo técnico que sabe o que faz, constroem um argumento à base de qualquer ideia singela, mesmo que seja já muito vista, valorizam algumas cenas com «gags» ou com diálogos espirituosos, espalham pela acção alguns tipos e situações dos que todos os espectadores de cinema conhecem — e filmam. No fim sai uma fita daquelas que se diz que «divertem», das que «fazem passar hora e meia sem preocupações» o que, evidentemente já é alguma coisa mas, feitas bem as contas, é ainda pouco. Especialmente na comédia os «estúdios» americanos fazem isto com perfeição. Como o género é o que goza de maiores simpatias tem sido o mais explorado. Conseqüentemente é, também, aquêle em que a falta de assuntos mais se faz sentir, porque há maior gasto, e aquêle em que trabalham com mais facilidade, porque há maior prática. E, embora isto pareça paradoxal, daqui resulta que é na comédia que os estúdios americanos produzem as banalidades mais bem feitas.

«Um Noivo para Três Noivas» é, nem mais nem menos, uma banalidade bem feita. Cinco actores experimentados, um diálogo com passagens felizes, e algumas cenas construídas sôbre situações inverosímeis sustentam o interêsse da acção. Os actores são: Madeleine Carrol, Helen Broderick, Fred Mac Murray, Akim Tamiroff e Alan Jones. Tamiroff no desempenho duma pequena rábula prova mais uma vez, ser actor capaz de trabalhar com igual vigor e personalidade em todos os géneros. Fred Mac Murray numa personagem mixto de indolência, calma e energia dá muito boa conta de si embora sem nada aumentar ou diminuir ao que já sabemos dêle, o que, aliás, acontece aos outros intérpretes, excepto a Madeleine Carrol de quem devemos dizer que está cada vez mais formosa. Merece reparo a pequenina actriz que representa a filha adoptiva do «Rapaz de Bali», graciosa e desembaraçada a falar embora ainda um tanto comprometida quando olha.

Vê-se a fita com agrado mas não se pensa mais nela e as fitas em que não se pensa mais têm falta de qualquer coisa. — **F. C.**

CARTAS DUM CINÉFILO

Abalizado director:

Desculpe hoje não lhe mandar dizer nada mas o meu pai, que continua a não querer que eu siga a carreira do cinema, escondeu-me a caneta e o tinteiro.

Sem mais
cinéfilo até à morte e contra a vontade de meu pai

Ignácio da Purificação

P. S. Tenho estado a pensar títulos para a fita «Mr. Smith goes to Washington» para ver se ganhava os quinhentos palhaços. Tenho alguns que não me parecem maus, no entanto queria saber a sua opinião, «O sr. Smith parece que é parvo», que tal? Ou então: «O sr. Smith não vai na conversa», ou ainda: «O sr. Smith não é tão tolo como parece». Além dêstes tenho ainda mais outro título que julgo ser o melhor, tanto mais que a fita é americana.

O título é «Pão Vosso», mas tenho mêdo que o público faça confusão e não vá ninguém ver a fita.

Ouço dizer que vão fazer mais filmes portugueses. O senhor e o sr. Leitão de Barros estão já a preparar os argumentos e os elencos. Por favor veja se me dão um papel. Olhe que eu tenho muito jeito para galã e já estou a deixar crescer o cabelo por cima das orelhas como o sr. Villar. Quando a moda nos galãs portugueses eram as patilhas também as deixei crescer mas ninguém me contratou. Fale também em mim ao sr. Artur Duarte, para ver se êle me dá um papel no «Amor Perfeito», que se fôr preciso eu até emagreço para ficar em condições de contracenar com a menina Tereza Casal. Se não me quizerem aproveitar para galã dêem-me outra aplicação qualquer. Se eu um dia sair do meu país e fôr para o Brasil e conseguir lá ser alguma coisa, depois não se queixem e não digam que emigram os autênticos valores do cinema português, como já andam a dizer isso do sr. Fernando Barros.

O sr. Brum do Canto que também vai fazer os «Lobos da Serra», é que talvez me pudesse aproveitar. Estou convencido que êste senhor vai fazer uma fita interessante, mas estou danado por saber o que é que êle desta vez vai atirar ao ar. Se êle quizesse eu dava-lhe uma ideia interessante para um número musical. Era pôr a Maria Domingas pela serra acima, às voltas e a cantar. Quando chegasse ao alto da serra ela caía e acabava a canção. Convém que seja a subir a serra e não a descer para não se parecer com um número que ela fazia no «João Ratão».

Ainda tenho outra grande ideia para oferecer ao cinema português, mas só a dou a si, pera o senhor a realizar. É a seguinte: O cinema americano já apresentou duas famílias: a Família Hardy e a Família Blondie. Pois o cinema português devia apresentar a Família Purificação. Somos cinco pessoas com o gato: o meu pai Salustiano, a minha mãe Genoveva, eu e a minha irmã Bernardina, que tôda a gente diz que se não fôsse um bocadinho zarolha tinha uma voz mais bonita que a da Deanna Durbin.

I. da P.

P. S. ao P. S. Como vê escrevi a carta a lápis. Ainda desta vez tramei o meu pai.

I. da P.

O Correio de Bel-Tenebroso

Na impossibilidade manifesta de poder, amanhã, descer pelas chaminés e pôr em todos os sapatos das minhas leitoras e dos meus leitores, uma carta pessoal de Bel-Tenebroso, a desejar-lhes um Natal alegre e muito feliz — aqui vai um grande abraço colectivo a realizar em mente, êsse meu desejo.

BOB TAYLOR. — Pelo que me dizes *Animatógrafo* continua a entusiasmar-te. — Com que então *Mulheres* satisfez-te plenamente?! *Swell!* E' inegàvelmente um belo filme. — Norma é de facto uma das mais belas e conscienciosas vedetas da tela. Era admirável em *Maria Antonieta*. E em *Women* tem uma criação magnífica. — Transmito as tuas saüdações a *Maria do Rosário*, *Faranecas Ltd.*, *Saüdade*, *Donalda* e *Ninon*.

UMA GAIATA CINÉFILA. — Apreciei muito a tua carta tão amável e tão simpática. Como poderia eu responder a tôdas as cartas que ficaram sem resposta, à data da suspensão do *Cine?* Tem paciência, pois. E se te lembrares de algumas perguntas que te interessem fica certa de que te responderei. Mas que essas perguntas não versem sôbre a minha pessoa. A modéstia impede-me de dizer se sou bonito ou feio, alto ou baixo, loiro ou moreno, e isso, de resto, não tem importância alguma para a completa elucidação cinegráfica das minhas leitoras! Não é verdade? — De facto se tens 20 anos feitos o pseudónimo não está muito a caracter. — O que não quere dizer que passes a adoptar o de «Vinte anos cinéfilos». Não te será difícil encontrar um pseudónimo que te satisfaça. — Esta simpática leitora agradece e retribui ao *Conde Axel de Fersen da Suécia* os seus cumprimentos.

BRUNNHILDE. — «Se conheço a sua letra», pergunta-me V. com adorável modéstia. Mas acha que eu poderia esquecê-la?! — Já tive a alegria de receber notícias de sua irmã. Eu estava certo de que ela não deixaria passar em claro a aparição de *Animatógrafo* e a reaparição de «Bel-Tenebroso» — e vejo que afinal me não enganei — Ainda bem que a revista lhe agrada. Diga-me cá: V. está em férias ou deixou o exílio?! Como vê, até me lembro de que V. costumava, nesta altura encontrar-se num colégio... — Espero novas cartas suas. E o segrêdo da sua personalidade, como vê, continua a ser inviolável.

O REI DOS OPTIMISTAS. — Seja bem aparecido, amigo. — A sua carta é muito simpática e tomei a liberdade de a transmitir ao Director de *Animatógrafo*, porque vale por um magnífico elogio e por um poderoso incentivo. — Preferi o primeiro pseudónimo, porque o optimismo é muito da minha simpatia, sobretudo nos tempos que vão correndo, em que, como a manteiga, começa a faltar. Não o asfixiemos pois, atirando-o para o cesto das coisas inúteis. E se tu és o Rei do Optimismo, espero que entres para esta secção tenebrosa, como um raio de sol... e de alegria.

CONDE AXEL DE FERSEN DA SUÉCIA. — Deves estar confundido: com o filme *Meu Marido Investiga*, que é da Metro, não poderia ser exibido um desenho da Betty Boop, que é «vedeta» da Paramount. Essa tua cabeça, de facto, está a necessitar dos parafusos ajustados...

PINOCCHIO MORENO. — Muito grato, pelos teus cumprimentos. — *Nossa Senhora de Paris* foi realizado por William Dieterle; *A Pousada de Jamaica*, por Alfred Hitchcock. O protagonista é que foi o mesmo, nos dois filmes: Charles Laughton. — Transmito a *Rafles* e *Deram-lhe uma Espingarda* as tuas saüdações amigas.

SAUDADE. — Olá, «Gôsto Amargo de Infelizes! Não te zangues, com o comêço desta resposta... Mas conheces a definição da complexa e portuguesíssima palavra «Saüdades»: «Gôsto amargo de infelizes, delicioso pungir de acerbo espinho». Isto disse alguém que nunca sonhou que *Saüdade* seria um dia a mais gentil e a mais simpática das raparigas! — Virginia Weidler, a garota de *Mulheres* já apareceu noutros filmes, como por exemplo *Andy Hardy apaixona-se*, aquêle filme da simpática família americana, que no-los mostra passando umas férias no Oeste. Virginia Weidler poderá não ser (e não é, de facto) das mais bonitas garotas do cinema americano, mas a verdade é que tem talento às carradas... Se eu tivesse metade do talento dela, a estas horas, em lugar de vos estar a escrever, estava aos beijos à Dorothy Lamour ou à Crawford, se se desse o caso, impossível, da Garbo me não exigir para parceiro... — Quem disse «que os homens têm a mania de que nada pode fazer-se sem êles?...» De resto, deixa-me dizer-te que o teu exemplo me não deixou fulminado. *Mulheres* foi um filme feito por homens, à base dos homens também, embora só representado por mulheres. Agora, não nos responsabilises por aquela intrigalhada da «manicure» no aludido filme. Eu bem sei, que se não houvesse o fogo, a Chrystal não sopraria o fumo. Mas a verdade é que foi ela quem deitou as achas para a fogueira...

I AM CHARLES BOYER. — A época promete-nos excelentes filmes. Sem a pretensão de te dar uma lista completa, toma nota de alguns que ficarão na memória dos espectadores, sem me referir, claro, aos já exibidos: *Tom Edison, o pequeno génio, Mr. Smith Goes to Washington* (a propósito: não te habilitas aos 500$00 da «Aliança»?) *Rebecca, Robin dos Bosques, A Passagem do Noroeste, O Ladrão de Bagdad*, etc., etc. Não julgues que esta lista é completa ou definitiva. A época vai revelar-nos muitas surprêsas. — Podes escrever aos artistas americanos, com probabilidade de resposta. Escreve ao Robert Taylor, Mickey Rooney e Lana

O QUE QUERE CANTAR...

MY OWN

do filme «IDADE DAS ILUSÕES»

Thru the years constantly
I've had one ideal
And I've been pretending
It would soon be real
Now that you're close to me
I can plainly see
You're my happy ending my reality.
My Own let me call you my own
Let me make you a part of the song in my heart
Alone I'm just living in vain
Ev'ry thing that I do is depending on you
Show me a sign of your longing for me
Say you are mine and forever that you will be
My Own
Ev'ry dream I have known
Has been built of but on desire
Just to call you My Own.

VOUS SEUL
(Versão francesa de «My own»)

Les serments Des amants Bien d'autres déjà
Les ont, pleins d'ivresse, Murmurés tout bas.
Leurs aveux Malheureux Laissent mon coeur froid;
Toutes leurs promesses N'ont d'attrait pour moi...

Vous seul savez prendre mon coeur
Avec tant de douceur
Qu'il croit au vrai bonheur
Vous seul savez lire en mes yeux
Mes secrets et mes voeux,
Mes désirs mes aveux.
Votre baiser lui seul sait me griser
Et c'est pourquoi je ne sais rien vous refuser
Vous seul, vous aurez en retour
Et celà nuit et jour, toujours
Mon plus fervent amour!

Dans le temps, tristement, je trainais lassé
De ses aventures Mon amour blessé
Aujourd'hui C'est fini Les tourments passés,
Les serments parjures, tout s'est effacé...

Refrain

Vous seul... etc.

O Correio de Bel-Tenebroso

Terner para a Metro-Goldwyn-Mayer Studios, Culver City Califórnia; Dorothy Lamour, Paramount Studios, Hollywood, Califórnia. — Títulos originais dos filmes a que te referes: *Mad about music* (Doida por música) *Wuthering Heights* (O monte dos vendavais). — Transmito as tuas saudações a *Anjo no Inferno, Deram-lhe uma espingarda, Luiz XV, Donalda* e *Saüdade*.

PINNOCCHIA. — Dizes-me então que és uma ex-correspondente, «a quem eu nunca respondia». Não creio, que seja assim. Podia lá deixar de atender uma leitora tão simpática! —Obrigado pelas boas palavras que me dedicas e que muito apreciei. Transmiti os cumprimentos que envias. — Espero que a tua próxima carta me dê assunto para conversarmos longamente sôbre o cinema e ficarás convencido então de que «Bel-Tenebroso» não tem por ti qualquer má vontade, antes pelo contrário. — Aqui deixo assinalados os cumprimentos que envias a *Dinhamá*.

REY... SEM TRONO. — Tenho conhecido muitos com as mesmas presunções que tu alimentas!... Não acredito que saibas quem eu sou!... Se eu próprio, às vezes, não sei onde me encontro... — Maria Domingas é certamente um amor de rapariga, com muito talento. Mas não sou da tua opinião. Ela não estaria bem no papel da espia internacional de *Pôrto de Abrigo*. Pela mesma razão, afinal, que tu não aceitarias bem a Katherine Hepburn no papel de bailarina, ou a Marlene Dietrich na figura duma freira... — Êste leitor desejaria cartear-se com *Ninon*. Quererá a nossa simpática correspondente do Pôrto, aceder ao seu pedido?

ZÉ FERNANDES. — Viva, Zé Fernandes! Desta vez, não tens que te queixar! Cá estás na pleiade brilhante dos correspondentes dêste teu amigo. Vejo que tens feito progressos em dactilografia. O teu cartão de visita: «Zé Fernandes — cinéfilo de aquém e além mar», vale um mundo. A propósito: já te inscreveste no clube do «Animatógrafo»?! — Os teus «apontamentos» são saborosos e penetrantes de mais para serem dum «Zé Fernandes». A argúcia é uma palavra feminina... — Êste simpático leitor deseja corresponder-se com *Benjamina*, que lhe parece ser uma rapariga muito desempoeirada».

ZULEIKO. — Aveiro é uma cidade onde conto muitos correspondentes. Por tal sinal que gostava que descobrisses aí o paradeiro da «Rainha Faridas, que ainda não apareceu, pelo menos com êsse nome. — A tua carta é extremamente simpática. Transmiti a António Lopes Ribeiro o que nela me dizes. Quando os leitores são como tu, damos por bem empregados todos os sacrifícios e todos os esforços. — Escreve a Jean Arthur para Columbia Studios, 1438, Gower Street, Hollywood, Califórnia. Parabens, pela foto que a Gloria Jean te enviou, com tão cativante dedicatória.

DONALDA. — Com que então, quando viste *Mulheres*, sentiste as unhas crescer. «Vermelho da selva», não? Aquele «gènìozinho» do pato teu homónimo e "unhas «Vermelho da selva»... Deves ter o poder dum tank de 70 toneladas... — Se eu ainda sou todo Lamour?! Mas que pergunta?! Só no vosso caso é que o «la donna è mobile» tem aplicação. Nós mesmo quando somos «mobiles» não esquecemos as «donnas» precedentes... Quando deixar de ser todo Lamour continuarei a ser todo «amour». Um L a mais ou um L a menos, que importancia têm?!... — A Irene Dunne é, de facto, uma grande artista. O Boyer, quando cá esteve, disse que era a sua parceira favorita. O que me não custa a crer, porque o Homem é um animal de hábitos...

Toda a correspondência desta secção deverá ser dirigida a BEL-TENEBROSO — Redacção de «Animatógrafo» — Rua do Alecrim, 65 — LISBOA.

DOMINGOS ARAUJO GONÇALVES. — As tuas palavras tão amigas e sinceras, merecem a nossa gratidão. —Não me trates por «Ex.mo Sr. Bel»! Faz-me impressão. Tu cá, tu lá, é a nossa fórmula favorita. Espero novas cartas tuas, com o maior interêsse e simpatia.

LUIZ XV. — Hello, boy?! — Escreve à Tereza Casal, para a Continental Filmes, Ltd., Praça do Marquês de Pombal, Lisboa, e expõe-lhe o desejo que tens de possuir a foto em questão. Estou certo de que ela acede ao teu pedido, porque não há artista mais simpática e mais gentil com os seus admiradores. — Nós não «desviamos» cartas, Luiz XV amigo! De modo que tenho a certeza de que Maria da Graça, a estas horas, recebeu a tua carta e está feliz por ter um monarca, como tu, a seus pés... Também gosto muito dessas (e doutras...) raparigas novas a que te referes: a Ann Rutherford e a Virginia Grey. — Aqui ficam as tuas saudações para *Deram-lhe uma espingarda Maria Cotovia, Antinea, Quinhas, Sonhadora, Columbina sem pierrot* e *Melita Sarreira Cabral*. — *Alentejana dos olhos verdes* continua presente entre nós, sob um pseudónimo diferente e rigorosamente secreto.

ETERNO GAROTO. — Podes obter os números do *Cine* que te faltam, pedindo-os para a Casa Bertrand & Irmãos, na Trav. da Condessa do Rio, 27. Êles mandam-nos à cobrança. — Seria muito difícil explicar-te, dentro do espaço que esta secção, permite o truque utilizado nos filmes *O Par Invisível, O Homem Invisível* e *O Par Invisível Diverte-se*, para obtenção dos efeitos variados que constituiram a razão de ser dessas produções. Pode ser que, em breve, *Animatógrafo* aborde nas suas páginas êsse têma. — Errol Flynn aparecerá êste ano em *Robin dos Bosques*.

EXILADO DO MONDEGO. — Folgo por *Animatógrafo* te continuar a deixar «absolutamente satisfeito». Mal da revista e do restaurante, que não colha tão lisongeira impressão dos clientes. — Laurence Olivier, de facto, só se revelou completamente no *Monte dos Vendavais*. Antes disso, tinhamo-lo visto num filme, com Merle Oberon também, que já nos fazia adivinhar o intérprete famoso em que se tornou Em *Rebecca* vamos vê-lo, igualmente, num grande papel.—Ainda não tive conhecimento de que as leitoras que V. nomeou, tivessem acedido a corresponder-se consigo.

FARANECAS LTD. — Achas então «estupenda» a ideia que o Director teve de fazer páginas «suplementares», com a correspondência. A mim, também me entusiasma. Todos os dias lhe digo: «Quero mais espaço vital. Há o direito, porventura, eu que tenho tantos milhares de leitores, me dêem para viver, menos espaço, no *Animatógrafo*, do que aquêle de que disfrutam outros menos favorecidos em atenções do que eu?!...» Se ainda não fiz valer os meus direitos com mais fôrça, é porque estou a ver que se arranjo umas «mãos suplementares» para poder multiplicar as minhas reservas de respostas... Quando tal suceder, não queiras saber o que acontecerá!... Invado «Êles e Elas» pela certa... — A Jeannette Macdonald e o Gene Raymond continuam numa lua de mel, muito açucarada. Não tenhas receio, de que se separem. O Gene é o espôso da vida real. O Nelson Eddy é o espôso cinematográfico. — Com que então estiveste, no Casino do Estoril, lado a lado, com o Georges Rigaud. Não há muitas que se possam gabar dêsse facto.

MICKEY ROONETE. — Ainda bem que o *Animatógrafo* cada vez te interessa mais. Se continuas a angariar compradores no ritmo que anuncias, a rotativa, esfalfada, pede-te misericórdia!... Corinne Luchaire está em França. Mas onde?! «Algures», pela certa. Tens que aguardar melhor oportunidade para lhe escrever. — O Tufão, com a Dorothy, está anunciado para esta temporada. — Transmito a *Maria Cotovia, Uma Loira Madeirense* e *Miss Século XX* as tuas saüdações amigas.

SENHOR X. — Fez muito bem em escrever-me! — O que penso do cinema nacional? Mas que demónio de preguntas? Tu és meu amigo?! Então deixa-me estar calado, sim?!...—Transmito a *Benjamina* e *Mab-Illa* os teus melhores cumprimentos.

RÁS JOANA. — Fazes muito bem em adaptar o tratamento mais cómodo: tu cá, tu lá!... — Não penses no «Hamlet», com a Deanna Durbin e o Gary Cooper! Que ideia. Daqui a pouco, és capaz de me falar no *Romeu e Julieta*, tendo como protagonistas o Oscar de Lemos e a Maria Domingas...

SHIRLEY AVIADORA. — Viva, Shirley! Que prazer tornar a ler-te! — Fico esperando mais cartas tuas, desta vez com matéria sôbre a qual possamos conversar. — Transmito a *Bob* as tuas saüdações amigas.

PRINCESA DA MEIA NOITE. — Tenho o orgulho de dizer que tôdas as leitoras de *Cine-Jornal* acorreram ao meu apêlo e que são hoje leitoras fiéis do *Animatógrafo*. Claro, tu, *Princesa* amiga, não poderias faltar. — Escreve ao Richard Greene para 20 th Century-Fox Studios Hollywood, Califórnia. — Transmito a *Príncipe da Meia Noite* os teus cumprimentos.

PRINCESA DA SELVA. — Que revoada de Princesas me trouxe o correio, hoje nesta mala! — Com que então ficaram mais de 20 cartas tuas, por responder. Tem paciência. Amor, mas não desanimes! — Estou de acôrdo contigo: casaremos os dois, qualquer dia e depois ajudas-me na correspondência. — Eu não cheguei a chorar com o *Monte dos Vendavais*. Mas, na realidade, gostei muito do filme. — Diz-me agora uma coisa: porque me escreves com duas letras totalmente diferentes?! Quando assinarmos o contrato de casamento, optarás pela segunda, combinado!

SERIP. — Cá ficas inscrito na lista dos meus correspondentes. — Sei que se anunciam para breve vários filmes de Maureen O'Htara mas por ora, não há datas indicadas. A seu tempo, te informarei. — Norma Shearer tem, em *Mulheres*, um dos melhores desempenhos da sua carreira.—Transmito a todos os leitores e em especial, a *Ninon*, os teus cumprimentos e saüdações.

GALÃ PERDIDO. — Norma Shearer, Joan Crawford e Judy Garland: Metro-Goldwyn-Mayer Studios, Culver City, Califórnia. — Deanna Durbin: Universal Studios, Universal City, Califórnia — Temos aí em Évora fiéis leitores e bons amigos! — As minhas consultas são gratis. No dia que resolver levar dinheiro, abrirei um consultório no Chiado com a tabuleta: «Bel-Tenebroso. Médico das almas». E tu verás o que vai ser ganhar dinheiro!...

BOM SENSO. — Achei graça à tua afirmação: «*Animatógrafo* foi luz nas trevas». Mas o animatógrafo é, de facto, luz nas trevas... — Os filmes nacionais devem evolucionar *(estou convencido)* no sentido que desejas. A tua crítica, simples e desapaixonada, acredita o teu pseudónimo: *Bom Senso!* Eis um ingrediente que, por vezes, falta nas produções realizadas entre nós. — Espero nova carta, e nova crítica.

EDMUNDO C. TÔRRES. — A sua carta não me dá matéria suficiente, para me pronunciar. Aguardo mais pormenores.

BEL O PIRATA. — Folgo por que *Animatógrafo* te continue a agradar e te vá mitigando «essa fome de revistas de cinema», que acumulaste durante tantos meses... — Escreve às artistas brasileiras ao cuidado da revista «Cinearte», Trv. do Ouvidor, n.º 34, Rio de Janeiro. — A tua direcção é tão secreta como os planos de ataque ou de defeza dum exército em guerra. — Aqui deixo as tuas saüdações a todos os leitores de *Animatógrafo* e, nomeadamente, a *Uma Garota sem Importância*.

BENJAMINA. — A sua «introdução não tem razão de ser, pois V. sabe perfeitamente que eu só posso interpretar «por bem», tudo aquilo que V. escreve. Afaste, pois, negros receios... — Fiquei deslumbrado pelo elogio que faz à «Confraria»: «No inquérito de *Mulheres* os homens depuseram com mais elevação». — Já sei que recebeu o recado de *Um Rapaz sem Pseudónimo*. Isto me dispensa de lhe dizer que êle está bom e que se recomenda. — Curiosa a sua afirmação sôbre *Ninotchka*, que não resisto à tentação de transcrever: «Entre a Princesa russa, que mais parecia princesa de cabaré, e a bolchevista, havia realmente diferença: esta tinha mais linha do que aquelas. O som do filme, *Benjamina*, era, de facto, uma maravilha. Não se enganou, não senhor. E o que me diz ao «Curso de Férias»? Tê-lo-á visto e apreciado com atenção?! Quero crer que seja ainda uma aluna aplicada.

CINÉFILO DEDICADO. — Transmiti a António Lopes Ribeiro as tuas felicitações pelo êxito absoluto de *Animatógrafo*. — Dentro em breve verás na galeria da nossa revista, a «vera-efígie» dos teus ídolos.

Bel-Tenebroso

VEM AÍ

CARMEN MIRANDA!



VAI APRESENTÁ-LA num espectáculo frемente de alegria e de ritmo: "SINFONIA DOS TRÓPICOS"

Carmen Miranda, a vedeta luso-brasileira de categoria internacional, a primeira artista que conquistou a América do Norte cantando em português, depois de ter sido o ídolo da América do Sul, vai aparecer em Lisboa, pela primeira vez, graças ao Cinema.

Há muito que o público de Portugal ansiava por ver a criadora admirável do «Tabuleiro da Bahiana», de «O que é que a Bahiana tem», e de tantas outras mòdinhas e sambas do Brasil, popularizados pelo disco e pela rádio.

Pois a Fox-Filmes vai satisfazer êsse legítimo desejo, apresentando dentro de poucas semanas Carmen Miranda, enquadrada num filme que é um grande e aparatoso espectáculo de ritmo e de alegria. Don Ameche e Betty Grabble e Charlotte Greenwood — três nomes celebrizados pelos filmes musicais — completam a primeira fila do elenco de «Down Argentine Way», que foi realizado por Irving Cummings. Inteiramente fotografado a côres, «Sinfonia dos Trópicos» vai encher os sentidos dos cinéfilos portugueses, revelando-lhes a verdadeira Carmen Miranda.







ANTÓNIO FEIJÃO

FALA DOS FATOS DÊLES...





CLARK GABLE, WEISS MULLER, BILL POWELL, MELVYN DOUGLAS





Muita gente tem afirmado, com certa razão, que se pode aprender cinema vendo cinema. E outros acrescentam que, além de cinema, muitas outras coisas se aprendem, visto que desde as decorações às soluções dadas a cada caso da vida corrente, as fitas ensinam constantemente.

Todos os elegantes sabem que, no capítulo vestir, os «astros» dão grandes lições, porque desde há muito tempo, se reconheceu no cinema, a importância que tem a maneira como, perante o público, os actores se apresentam. E, observando os actores, os elegantes aprendem...

Mas tal como para a perfeita compreensão da técnica cinematográfica é necessário que o público leia os artigos da crítica, que adquira noções que lhe permitam avaliar e distinguir o bom e o mau trabalho, também, do mesmo modo, os elegantes que quiserem tirar todo o partido do que se pode aprender em matéria de vestir precisam dum bom conselheiro sôbre o assunto. Ora é mais claro do que água que o melhor conselheiro que um homem tem sôbre a maneira de vestir é o seu alfaiate, desde que seja bom, o que, a-pesar-de haver muitos alfaiates é mais raro do que parece.

«Animatógrafo», no intuito de iniciar nesta matéria os seus leitores, resolveu procurar um bom, um autêntico mestre da arte de vestir e ouvir algumas das suas opiniões sôbre os «astros» de cinema e a maneira como vestem. E foi assim que procurou o grande alfaiate António Feijão.

«O assunto é deveras, curioso e importante, diz-nos Feijão num dos curtos intervalos dos seus muitos afazeres, porque um fato bem feito tem sempre muito mais importância para quem o veste do que se julga. É como a encadernação dum livro — quando é boa constitue o primeiro passo para o interêsse que um bibliófilo possa vir a ter pelo livro. E, também é como as legendas duma fita — quando são originais dispõem bem para ver o que se vai passar. Todos os «astros» vestem bem. Mas cada um tem a sua especialidadade. Melwyn Douglas, por exemplo, é sempre um artista que veste maravilhosamente uma casaca: a linha, as camisas, os laços, os punhos, tudo nele é cuidado, cheio de distinção como convém. E, para trajo de soirée, quem mais ensinamentos pode dar. William Powell — aliás sempre distintíssimo — é o tipo perfeito de quem sabe vestir como ninguém um jaquetão. Quem quiser ver um palelot bem vestido deve olhar com olhos de ver, para o Clark Gable. Um fato desportivo assenta como a ninguém a um grande desportista — por exemplo, a Weissmuller.

Evidentemente muitos outros casos se podiam apontar e qualquer dêstes actores sabe vestir todos os fatos. O certo, porém, é que cada um tem a sua especialidade e com especialistas se deve aprender. Mas, o conselho particular devido a cada um, só o alfaiate o pode dar. Para isso cá estou às ordens.

TUFÃO

é um filme PARAMOUNT
100% DOROTHY LAMOUR!



POR entre as cristas brancas das ondas, aquècido pelo sol dos Mares do Sul, o corpo dourado duma jovem cortava as águas com grandes e enérgicas braçadas.

— Koko! — gritou. — Dà-me o meu vestido!

De trás das rochas surgiu a figura de um chimpanzé trazendo um «sarong» de côres vivas que lhe entregou como se fôsse um criado bem educado.

O mar estava calmo. Ela, porém, sabia quanto êle era traiçoeiro. Dez anos antes fôra atirada para ali pelas vagas enfurecidas, no meio de uma tempestade devastadora. Lembrava-se de tudo, como se fôra ontem...

A meditação de Dea foi interrompida pelos grunhidos de Koko, que apontava com frenesi para o mar. Ela seguiu-lhe o olhar — primeiro espantada — depois, assustada. E viu um vulto estranho que se aproximava sôbre as ondas.

— É uma baleia! — gritou.

Dea e o seu peludo companheiro correram para a selva e subiram à árvore mais alta, olhando espantados para aquela embarcação. Era um submarino que ancorou em águas fundas. Viram dois barcos largar, com muitos homens, para a praia.

Depois de dez anos de luta para sobreviver naquele mundo estranho, Dea via interrompida a sua solidão, e mal sabia então a aventura emocionante que a esperava nessa ilha de sonho do Pacífico — que havia de ser fustigada pelo mais terrível tufão de todos os tempos e servia de cenário polinésico ao amor de Dea (Dorothy Lamour), filha das selvas, e Johnny (Robert Preston), o audaz marinheiro.



Animatógrafo

DIRECTOR: ANTÓNIO LOPES RIBEIRO



2.ª SÉRIE — N.º 7 — NATAL DE 1940 — PREÇO ESPECIAL: 2$50